

Grupo Espírita de Estudo de Ética

Ética do Espírito

Sistematização do aspecto moral d'O Livro dos Espíritos



Divinópolis
2000

Obra publicada pelo
Grupo Espírita de Estudos de Ética (GEEET)

Coordenador: Jomar T. Gontijo

Membros: Gilmar A. Barbosa, Harley X. de Melo, João B. Martins, Maria C. Azevedo, Maria J. Gontijo e Valéria Negrão.

Capa: Valéria Negrão

Gráfica Sidil

Impresso no Brasil

ISBN:

Av. Rio Grande do Sul nº. 270

35500-025 - Centro - Divinópolis - MG

email: geeet@ig.com.br



Ficha catalográfica:

Elaborada pela Bibliotecária Geisa Aparecida Grego,
CRB 6/909 - Setor de Processamento Técnico da Biblio-
teca Pública Municipal “Ataliba Lago”

G892 Grupo Espírita de Estudos de Ética
Ética do do Espírito

GEEET. – Divinópolis: GEEET, 2000
198 p.

ISBN

1. Espiritismo. 2. Evolução. 3. Ética Espírita. 4.
Reencarnação. 5. Mediunidade. I - Título.

CDD 133.9

“O Espiritismo é uma alavanca que afasta as barreiras da cegueira. A preocupação pelas questões morais está inteiramente para ser criada; discute-se a política que examina os interesses gerais, discute-se os interesses privados, apaixonou-se pelo ataque, ou defesa das personalidades; os sistemas têm seus partidários e seus detratores; mas as verdades morais, as que são o pão da alma, o pão da vida, são deixadas na poeira acumulada pelos séculos.”¹

J.J. Rousseau

¹Mensagem retirada do Livro dos Médiuns - Allan Kardec

Sumário

Apresentação	11
Prefácio	15
Introdução	17
Felicidade	23
1.1 - Princípio natural da busca da felicidade	23
1.2 - Relação entre felicidade e progresso	23
1.3 - Responsabilidade pela felicidade	23
1.4 - Felicidade plena	24
1.5 - Construção da Felicidade	24
1.6 - Lei de justiça, amor e caridade	25
1.7 - O bem e as virtudes	25
1.8 - Infelicidade	25
Evolução	27
2.1 - Necessidade e objetivos da evolução	27
2.2 - Vertentes da evolução – intelectual e moral	27
2.3 - Características da evolução	28
2.4 - Impossibilidade de deter a evolução	28
2.5 - O homem como colaborador da evolução da natureza e da sociedade	29
2.6 - A lei de destruição como colaborador da evolução ...	29
2.7 - Reencarnação como instrumento de evolução	29
2.8 - Igualdade absoluta de riquezas	30
2.9 - Conhecimento de si mesmo	30
2.10 - Prática da lei natural ou divina	30
2.11 - Resistência nas provas	30
2.12 - Orgulho, egoísmo, más tendências e preconceitos ...	31
2.13 - Educação	31
2.14 - Trabalho	32
2.15 - Arrependimento	32
2.16 - Aplicação da lei de justiça, amor e caridade	32

2.17 - Aproximação da lei humana à divina	33
2.18 - União	33
2.19 - Liberdade de consciência	33
2.20 - Doutrina Espírita e a evolução individual e social ...	34

O livre arbítrio, as ações e suas consequências 35

3.1 - Relatividade do bem e do mal.....	35
3.2 - A construção do futuro	35
3.3 - Conhecimento do futuro	36
3.4 - Escolha das provas	36
3.5 - A vida social	36
3.6 - Pensamento e crença	37
3.7 - Conseqüências do mal	37
3.8 - Disposições dos bens materiais após a morte	37
3.9 - A riqueza	38
3.10 - Mérito e a recompensa	38
3.11 - Resgate e reparação	39
3.12 - Homicídio	40
3.13 - Suicídio	40
3.14 - Prática da justiça e da lei natural	41
3.15 - Trabalho	42
3.16 - Ociosidade	42
3.17 - Orgulho	42
3.18 - Educação dos filhos	42
3.19 - Riqueza e miséria	43
3.20 - Causas de perturbação	43
3.21 - Abolição do casamento	44
3.22 - Predominância da vida moral sobre a material	44
3.23 - Superação das provas	44
3.24 - Escândalo	44
3.25 - Alcoolismo	44

Educação 45

4.1 - Conceito de educação moral	45
4.2 - Transformar a sociedade e combater o egoísmo	45
4.3 - Progresso moral	45

4.4 - Educação dos filhos	45
4.5 - Educação e reabilitação.....	46
4.6 - Nosso papel na educação	47

O bem e as virtudes 49

5.1 - Conceito de Moral	49
5.2 - O bem como direito de todos	49
5.3 - O limite do instinto e das más tendências.....	49
5.4 - Conceito de propriedade legítima	49
5.5 - Dialética do bem	50
5.6 - Princípio de não violência.....	50
5.7 - Evitar tribulações, decepções	50
5.8 - Elevar-se espiritualmente	50
5.9 - Conquista da Felicidade	51
5.10 - Recompensas futuras	51
5.11 - Superação do temor da morte.....	51
5.12 - Características do homem de bem	51
5.13 - Abnegação de si mesmo	53
5.14 - Caridade, justiça e amor.....	53
5.15 - Resistência e perseverança.....	54
5.16 - Resignação, aceitação e paciência	54
5.17 - Trabalho	55
5.18 - Coerência	55

As paixões e os vícios..... 57

6.1 - Natureza das paixões	57
6.2 - O sofrimento e o bem-estar	57
6.3 - As crenças	57
6.4 - Sujeição do homem ao homem.....	58
6.5 - Resistência ao mal	58
6.6 - O egoísmo	58
6.7 - O Orgulho	59
6.8 - A ociosidade	59
6.9 - A crueldade	59
6.10 - O Desrespeito.....	59
6.11 - A sensualidade	59
6.12 - Alcoolismo	60
6.13 - Jogos de Azar	60

6.14 - O Sofrimento	60
6.15 - Afastamento da perfeição espiritual	61
6.16 - A guerra	61
6.17 - A fome	61
6.18 - Perda do senso moral, embrutecimento	61
6.19 - Desgosto pela vida e tédio (ociosidade)	62
6.20 - Desigualdade social	62
6.21 - Perecimento	62
6.22 - Posicionamento individual na análise das paixões e vícios	63
6.23 - Como superar as paixões e os vícios	63

Leis Naturais 65

7.1 - Existência e perfeição das leis naturais	65
7.2 - Características das leis naturais	65
7.3 - Conceito e fundamentação da moral	65
7.4 - Em defesa da vida	66
7.5 - Igualdade de deveres e direitos	67
7.6 - Evolução	67
7.7 - Necessidade do trabalho e do repouso	68
7.8 - Necessidade da vida social e familiar	68
7.9 - A fraternidade, a justiça e o amor	69
7.10 - Adoração	70

A razão e o conhecimento 71

8.1 - Discernimento	71
8.2 - Inteligência e moral	71
8.3 - Características da razão humana	72
8.4 - Conhecimento e responsabilidade	72
8.5 - A razão, o instinto e as tendências	72
8.6 - Desenvolvimento da razão e da inteligência	72
8.7 - Perturbação	73
8.8 - Distinção das necessidades	73
8.9 - Equilíbrio da natureza	74
8.10 - Os males que nos afligem	74
8.11 - Ajudar os outros	74
8.12 - Aperfeiçoar a lei humana	75
8.13 - Conhecer a si mesmo	75

8.14 - Sofismas	76
Reencarnação	77
9.1 - Reeducação e reajuste	77
9.2 - Justiça da reencarnação	77
Mediunidade	79
10.1 - Legitimidade da comunicação espiritual	79
10.2 - Influência dos espíritos	79
10.3 - Técnicas para sintonia Espiritual	79
Apêndice	
Estrutura e Sentido de O LIVRO DOS ESPIRITOS	81
CONSIDERAÇÕES	81
1 - Visão de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” no contexto doutrinário	82
2 - Significação do seu aparecimento para o mundo	82
3 - Escopo doutrinário apresentado	83
4 - Metodologia utilizada na sua formulação	83
5 - Aspecto inédito da obra	83
6 - Ausência do sentido místico no seu conteúdo	84
7 - Seus princípios não são apresentados como algo acabado, definitivo	84
8 - A missão de Allan Kardec em relação à obra	86
9 - Sua posição na esfera da ciência	86
10 - Sua posição em relação às experiências psíquicas e a área filosófica	87
11 - Como pode ser avaliado face as grandes transformações sociais	87
12 - Sua integridade diante das mais significativas mudanças sociais	88
13 - Aspectos mais relevantes na sua análise	88
14 - Técnica usada na sua redação	89
15 - Seu surgimento não foi um ato preconcebido	89
16 - Sua fundamentação científica	90
17 - E sua abertura às pesquisas	90
18 - A diferença entre o Espiritismo e Espiritualismo	91

19 - O porquê da adoção de neologismo na sua contextura	91
20 - A análise de sua estrutura conceitual na cultura geral	92
21 - Participação de espíritos de graus diversos na sua formulação	92
22 - Seu enfoque sobre as leis morais	93
23 - Seu principal impacto	94
24 - Sua visão na área da educação	94
25 - Seu conceito pedagógico	95
26 - Defecção do movimento espírita francês	96
27 - Aspectos do movimento espírita brasileiro	97
28 - Referências bibliográficas	98

Apresentação

José Carlos Pereira

(Do Grupo de Cultura Espírita “Prof. Cícero Pereira”–Divinópolis–MG)

Numa demonstração de apreço – acreditamos que pela nossa lide de meio século de estudo e divulgação da Doutrina – fomos solicitados a fazer a apresentação deste trabalho que, para o GEEET – Grupo Espírita de Estudos de Ética, que o empreendeu, foi objeto de especial atenção.

Seu objetivo específico é a contextualização dos textos básicos da moral espírita, o como um código voltado para a universalidade.

Inquestionavelmente, o intento se reveste de elevada significação, pois consubstanciada na Lei Divina ou Natural, esse fundamento do Espiritismo está realmente acima de qualquer variação temporal. A moral é inerente à natureza do Espírito. Atributo ainda latente que precisa ser alcançado através de lúcida consciência. Para isso, é imprescindível que, sem postergação, o espírito se empenhe no seu autoconhecimento, transformando sua potência em ato, sua virtualidade em realidade, pois esse é o determinismo da sua superior destinação: à sua perfeitabilidade. Daí, a evidência de que toda reflexão e a análise dessa temática, extrapole qualquer pretensão de natureza sectária.

Sobre essa questão, é oportuno reportar-nos às palavras de Allan Kardec, ao esclarecer, na introdução de “O Evangelho Segundo Espiritismo”, o objetivo da obra:

“Se as quatro primeiras partes dos Evangelhos tem sido objeto de discussões, a última – a moral – permanece inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É o terreno em que todos os cultos podem encontrar-se, a bandeira sob a qual

todos podem abrigar-se, por mais diferentes que sejam suas crenças. Porque nunca foi objeto de disputas religiosas, sempre e por toda parte provocadas pelos dogmas. Se o discutissem, as seitas teriam, aliás, encontrado nele a sua própria condenação, porque a maioria delas se apegaram mais à parte mística do que à parte moral, que exige a reforma de cada um. Para os homens, em particular, é uma regra de conduta, que abrange todas as circunstâncias da vida privada e pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas na mais rigorosa justiça. É, por fim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade a conquistar, uma ponta do véu erguida sobre a vida futura. É essa a parte que constitui objeto exclusivo desta obra”.

Acresce ainda que o trabalho do GEET representa o que há de mais essencial nessa fase de transição em que vive a humanidade.

Segundo registra Allan Kardec na “Revista Espírita” de dezembro de 1863, volume 12, página.378-EDICEL, “ O sexto e último período do Espiritismo será o da regeneração social, que abrirá a era do século vinte”. Essa previsão caracteriza a síntese da Codificação Kardeciana: “O Espiritismo é uma doutrina científica, filosófica de consequência moral”.

Apreende-se, pois, que a vivência da concepção moral do Espiritismo em todos os planos da vida, é uma forma de superar o processo do sistema imperante no nosso mundo, onde o arbítrio de uns poucos aliena a ciência, tecnologia, correntes culturais e filosóficas, assim como seitas religiosas. É o poder econômico, subvertendo, com seu pragmatismo, todos valores éticos, tirando de um imenso contingente humano a sua condição de sujeitos, transformando-os, por um processo de desumanização, em párias, em excluídos dos direitos sociais.

Entretanto, a conquista dessa transformação só será alcançada através de uma ação consciente e dinâmica, capaz de superar esse estágio de “prova e expiação”. Essa ação precisa transpor os limites de espaço e do tempo. Deverá ser um estado de espírito, uma conduta. Será na expressão do professor J. Herculano Pires, a pedagogia do contágio, atribuída a Jesus de Nazaré.

Para os espíritas, em particular, o objetivo desse trabalho é propiciar uma percepção lúcida e integral, isto é, a interação das linhas mestras do pensamento doutrinário com a práxis moral, o que quase sempre nos escapa quando a leitura e o estudo são feitos de forma periférica e mecânica, sem espírito investigador sem senso de criticidade, onde predomina memorização, sem assimilação do seu verdadeiro conteúdo.

A pesquisa realizada pelo grupo se processou em torno de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”. Sobre esse aspecto e face a possíveis indagações do porquê desse critério não ter se estendido às demais obras da codificação, cabe-nos lembrar que “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” é o edifício da Doutrina. É o código básico de um novo ciclo da ascensão humana. Todas as demais obras são subsidiárias; desenvolvimento e desdobramento do núcleo central, como têm assinalado vários estudiosos.

A tomada de consciência desse fundamento assume tal significação que o Grupo julgou de expressiva relevância incluir como capítulo final de seu trabalho, uma compilação sob título “Estrutura e Sentido d’O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, que realizamos para o CEPE - Centro de Estudos e Pesquisas Espíritas - para estudo e divulgação, e que também foi objeto da homenagem que o seu programa radiofônico “Projeto Futuro”, transmitiu por ocasião dos 135 anos dessa obra.

Expressando nessa singela apresentação nosso reconhecimento pelo gesto fraternal do GEEET, saudamos sua valiosa iniciativa, com nossa visão voltada para auspiciosa perspectiva da Civilização do Espírito.

Divinópolis, 2 de Maio de 2000.

Prefácio

É de conhecimento geral que a Filosofia tem sido, e continua sendo, um campo espinhoso de trabalho. Aqueles que não compreendem seu valor a consideram um simples bate-bola intelectual, sem finalidades práticas. Um mero exercício mental, como jogar xadrez ou fazer palavras cruzadas. No entanto, não é assim.

A Filosofia, além de ser a mãe de todas as ciências, é exclusividade do ente humano, do ser pensante, daquele que sabe e sabe que sabe, que carrega consigo um passado, vive um presente e projeta seu futuro. Coisas ainda fora do alcance dos outros seres da criação.

Em se tratando de ética, e mais especificamente de ética espírita, pode-se imaginar a empreitada difícil a que se propôs o grupo que preparou o texto, que esperamos será lido com prazer da primeira à última linha. As diversas correntes filosóficas por si só tornam a tarefa bastante complexa e o esforço de garimpar aquilo que é particularidade da Doutrina Espírita torna o trabalho ainda mais difícil. Entretanto, o resultado é o que o leitor tem em mãos. Não é a última palavra sobre o assunto com certeza, e nem apresenta questões fechadas como observará o leitor atento. É uma reflexão fundamentada sobre a obra básica do Espiritismo com uma proposta de continuidade individual.

A ética espírita recebeu influências de vários pensadores como é sabido. No nosso entender, o pensamento de Platão, e mais modernamente, J. Locke e I. Kant se apresentam com bastante constância e em certos pontos sobressaem acima dos outros. Mas essa não é mais que uma opinião, o parecer de um apreciador da Filosofia.

O que os autores da presente obra esperam é que ela se torne um ponto de partida para reflexões outras; que sejam úteis no dia-a-dia de cada um, auxiliando na filosofia da ação. Não exata-

GEEET - Grupo Espírita de Estudo de Ética

mente para a criação de éticas pessoais, mas para a formação de diretrizes que contribuam para uma vida melhor e uma sociedade mais justa.

Paulo R. Santos

Sociólogo e professor em Divinópolis/Minas

Introdução

Para falar sobre este estudo, é necessário primeiro conhecer o Grupo Espírita de Estudo de Ética (GEEET). Ele surgiu no começo do ano 1997, na cidade mineira de Divinópolis, formado por espíritas que se interessaram por um estudo mais profundo e especializado na temática ética.

Seus objetivos foram definidos como:

- 1 - Estudar, fundamentar e sistematizar a Ética Espírita segundo os rigores próprios dos métodos científico e filosófico;*
- 2 - Ser um núcleo de discussões e reflexões sobre questões éticas da atualidade.*
- 3 - Divulgar os resultados para a comunidade espírita;*

O primeiro ano de estudo foi dedicado a uma análise comparativa e histórica das escolas éticas, enfatizando a ética das virtudes, de Aristóteles, a ética do dever, de Immanuel Kant e a ética utilitarista de Jeramy Bentham. O segundo e terceiro ano ao estudo da moral contida em “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” de Allan Kardec.

Foi escolhido para nosso estudo O LIVRO DOS ESPÍRITOS da 108a edição da IDE, tradução de Salvador Gentile por ser uma das traduções mais disseminadas.

A metodologia adotada foi a seguinte. Inicialmente, fizemos um trabalho de seleção no LIVRO DOS ESPÍRITOS. Esse trabalho consistiu-se da leitura e seleção de todas as partes (itens ou perguntas) que explicitamente tinham alguma informação relativa à ética. Esta atividade foi feita por todos os membros do GEEET, separadamente. Não mantemos a pretensão de ter selecionado todos itens de conteúdos morais, mesmo por que implicitamente quase todas as informações do livro possuem conseqüências morais, no entanto, selecionamos aqueles, que em nossa análise, foram os mais relevantes.

Posteriormente, interpretamos cada pergunta, resposta ou pa-

rágrafo que foi selecionado, buscando sintetizar seu enunciado moral, transformando-o numa afirmação simples e clara que traduzia a recomendação ou princípio ético explícito e objetivo ali contido.

Na grande maioria dos casos, os enunciados éticos (texto interpretado) são quase exatamente iguais às citações (texto original do LIVRO DOS ESPÍRITOS). Em alguns casos, o enunciado difere da citação quanto à forma, mas não quanto ao sentido ético. Porém, nos colocamos à disposição para debater e mesmo modificar a forma de enunciados em que se demonstre uma melhor redação para os mesmo.

Finalmente, dividimos os enunciados em dez grandes grupos, a saber: felicidade, evolução, o livre arbítrio, o bem e as virtudes, as paixões e os vícios, as leis naturais, a razão e o conhecimento, a educação, a reencarnação e a mediunidade e estes grupos em outros menores, divididos por assunto, para facilitar as pesquisas.

Para cumprir o terceiro objetivo é que surge este livro como o produto destes três anos de estudo.

Porém antes de avançar é necessário algumas informações sobre o universo da Ética, para que o leitor possa melhor entender a moral espírita contida no LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Acostumamos a falar e escutar, num sentido de cobrança, em broncas e brigas:

“Você não tem moral!”; “Cadê’ sua ética?”.

Desse modo, fazemos com que as palavras percam seu valor no desgaste social.

Quando convocados a redigir um texto, focalizando estes termos em nível filosófico, somos tomados de total desorientação. Afinal, trata-se de assunto amplo, com um campo inexplorável pelo conhecimento humano.

Os dicionários nos passam a moral como: “Parte da filosofia que trata dos costumes ou dos deveres do homem para com seus semelhantes e para consigo”. Ou “o conjunto de nossas faculdades

morais, tudo que diz respeito à inteligência ou ao espírito, por oposição ao que é material”.

Colocamos a Moral como um fato, não querendo dizer que seja uma regra, teoria ou verdade, mas um fato que os homens admitem como verdade. Um fenômeno que se encerra com aprovação, censura ou sentimentos aplicados à aprovação ou desaprovação de atos humanos.

A moral, como fato, pode-se manifestar através de imperativos que se exprimem em preceitos, acompanhado de um constrangimento interior. Sendo este último, o pico culminante que coloca o homem à mercê das imposições sociais, religiosas e morais.

Aliás, a sociedade e religião impoariam certas atitudes às pessoas para que elas fossem aceitas em determinado meio social ou religioso. Moral não corresponderia a uma pressão social ou religiosa, mas a uma resposta às exigências da vida boa ou correta.

Como quase todas as escolas de pensamento filosófico, a indagação ética, enquanto Filosofia, teve sua origem na Grécia antiga.

Os primeiros pensadores gregos, quando conseguiram ultrapassar os limites do mito, voltaram seus olhos racionais para tentar explicar os fenômenos naturais. Estes primeiros filósofos ficaram conhecidos como naturalistas ou pré-socráticos.

Sócrates foi marco na Filosofia antiga como Cristo foi na história ocidental. Ele voltou sua razão para o homem e para o homem na sociedade. Ele é um iniciador da busca da Ética, dos conceitos de verdade, justiça, do bom e do belo.

Etimologicamente não existe diferença entre moral e ética, pois a palavra moral vem do latim ‘mos-moris’ que significa costume e é a tradução latina do vocábulo grego ‘ethos’, da qual se origina a palavra ‘ética’.

A maioria dos filósofos morais também não faz distinção entre moral e ética. Porém vulgarmente atribui à palavra moral a ‘ethica utens’ ou ética vivida, conjunto de normas e tradições de determina-

da sociedade que geram seus costumes, e a palavra ética a 'ethica docens' ou ética refletida, reflexão filosófica sobre questões relativas à ética vivida.

É uma tarefa difícil definir ética de uma forma definitiva. Cada pensador que se ocupou do tema moral propôs sua definição, sendo algumas delas com grandes diferenças de outras.

Porém, definir Ética como o ramo da Filosofia que estuda as ações e costumes humanos, reflexão sobre o que é o certo e o errado, o justo e injusto é fácil. Difícil é definir o que é ético e o que não é ético. Cada escola defende a sua definição. E a Filosofia ainda não chegou a um consenso para poder afirmar qual escola possui conceito mais razoável. E não sabemos se algum dia chegará.

Ética é uma consequência de uma metafísica. Da metafísica materialista conclui-se uma ética materialista. Da metafísica espiritualista conclui-se uma ética espiritualista. Da doutrina de Cristo conclui-se uma ética cristã. Da doutrina espírita conclui-se uma ética espírita.

É a partir do conjunto de princípios teóricos de uma determinada teoria que nascem nossos valores que ditam nosso comportamento ético. Se amizade é um valor mais importante do que o dinheiro em meus princípios, não trairei meu amigo por nenhum dinheiro, porém no caso do valor dinheiro ser mais importante para meus princípios, trairei meu amigo por dinheiro.

Não é nosso objetivo estender muito, mas apenas dar uma visão geral para que o leitor possa ter uma perspectiva onde perceba à amplidão do universo de estudo do tema relativo a ética.

Para aqueles que quiserem se comunicar conosco podem fazê-lo através do e-mail: geeet@ig.com.br Ou pelo endereço: R. Rio Grande do Sul, 270 – Divinópolis – MG, CEP – 35500-000.

Esperamos, sinceramente, que o texto que se segue possa ser de valia para aqueles que querem realmente entender e viver a moral sugerida pelos espíritos que ditaram “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”.

GEEET – Grupo Espírita de Estudo de Ética

Gilmar A. Barbosa, Harley X. de Melo, João B. Martins, Jomar T. Gontijo, Maria C. Azevedo, Maria J. Gontijo e Valéria Negrão.

Divinópolis, 17 de maio de 2000.

Felicidade

1.1- Princípio natural da busca da felicidade

1.1.1- Está na natureza do homem querer ser feliz. (Conclusão-IV)¹

1.1.2- O bem-estar é um desejo natural. (719)

1.1.3- A lei natural é a lei divina; ela indica o caminho para a felicidade do homem. (614)

1.1.4- O sentimento de uma existência melhor está no foro íntimo de todos os homens, Deus não colocou aí em vão.(959)

1.2- Relação entre felicidade e progresso

1.2.1- O homem não procura o progresso senão para aumentar a soma de sua felicidade; sem o que o progresso seria sem objetivo. (Conclusão-IV)

1.2.2- A felicidade é proporcional à evolução.(967 e 1004)

1.2.3- Quanto mais perfeitos, mais unidos; da concórdia resulta a felicidade. (298)

1.3- Responsabilidade pela felicidade

1.3.1- O inferno ou paraíso não é um lugar circunscrito, cada um possui dentro de si mesmo o princípio de sua felicidade ou infelicidade. (1011)

1.3.2- O homem é o próprio artífice de sua própria infelicidade ou felicidade, depende dele amenizar seus males e ser tão feliz quanto se pode ser sobre a terra e na vida futura. (920 e 921)

1.3.3- A infelicidade pode ser decorrente de não seguirmos nossa vocação. (928)

¹ Obs.: O número entre parêntese referencia o número da(s) pergunta(s) cujo o enunciado foi retirado.

1.4- Felicidade plena

1.4.1- A felicidade eterna e pura é para aqueles que alcançaram a perfeição.(115)

1.4.2- É impossível ser completamente feliz sobre a terra. (920 e 921)

1.5 – Construção da felicidade

1.5.1- A medida de felicidade comum a todos os homens é:

a) Na vida material, a posse do necessário;

b) Na vida moral a consciência tranqüila e a fé no futuro. (922)

1.5.2- A felicidade dos bons espíritos consiste em:

a) Conhecer todas as coisas;

b) Não ter paixões que façam a infelicidade do homem tais como o ódio, inveja e a ambição;

c) Ter um amor que os une;

d) Não experimentam as necessidades, as angústias da vida material;

e) Fazer o bem. (967)

1.5.3- Os espíritos elevados possuem uma felicidade que não acaba (inerente) e superior aos prazeres efêmeros da terra. (313)

1.5.4 - Deve-se procurar a felicidade nas coisas sérias e positivas. (707)

1.5.5 - Um dos maiores prazeres é reencontrar corações simpáticos. (938)

1.5.6 - O bem-estar não deve ser adquirido à custa dos outros, e nem enfraquecer as forças morais e físicas. (719)

1.5.7- A visão dos sofredores não perturba a felicidade dos bons, porque eles os ajudam a progredirem e estendem-lhes a mão, é sua ocupação e sentem prazer quando têm êxito, além disto eles consideram o sofrimento de seu ponto de vista de utilidade. (976)

1.6 – Lei de justiça, amor e caridade

1.6.1- Quando a lei humana tiver como base à lei natural, os povos praticarão a caridade, viverão felizes e em paz porque ninguém procurará viver às custas do vizinho. (789)

1.6.2- O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e caridade. Dela derivam todas as outras, porque ela encerra as condições da felicidade do homem. (Conclusão item-IV)

1.6.3- A soma de prazeres que pode dar o progresso intelectual não traz a felicidade completa. Somente com o progresso moral haverá segurança nas relações sociais que proporcionará felicidade completa.(Conclusão item-IV)

1.7 – O bem e as virtudes

1.7.1- O que assegura a felicidade é a prática do bem. (982)

1.7.2- A soma de felicidade futura é proporcional à soma do bem que se fez. (988)

1.7.3- Para assegurar sua felicidade neste mundo, ou no outro, o homem deve destruir o egoísmo e desenvolver a caridade. (917)

1.7.4- Aquele que se utiliza dos seus bens de forma útil durante a vida tem duplo proveito: o mérito do sacrifício e o prazer de ver a felicidade que causou. (1001)

1.7.5- Quando se age tendo em vista uma felicidade mais sólida e durável suportam-se as vicissitudes com paciência e resignação. (943)

1.8 – Infelicidade

1.8.1- A infelicidade é causada pelo afastamento da lei natural ou divina. (614 e 707)

1.8.2- A vaidade, a ambição e cupidez frustradas levam à infelicidade. (933)

1.8.3- O homem que não vê a felicidade senão na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz quando não os

pode satisfazer. (933)

1.8.4- A satisfação das necessidades materiais é fonte de prazeres para o homem, porém prazeres típicos do animal cuja falta constitui-lhe uma tortura. (968)

1.8.5- A soma da infelicidade está em razão do mal e dos infelizes que se tenha feito. (988)

1.8.6- A felicidade não se encontra nas utopias que fazem o homem recuar ao invés de avançar. (707)

1.8.7- O homem civilizado raciocina sua infelicidade e a analisa e por isso é mais afetado. (933)

Evolução

2.1 - Necessidade e objetivos da Evolução

2.1.1 - Está na natureza do homem querer ser feliz. Ele não procura o progresso senão para aumentar a soma de sua felicidade; sem o que o progresso seria sem objetivo. (Conclusão item - IV)

2.1.2 - Recebemos uma missão de Deus com o objetivo de progressivamente alcançarmos a perfeição. (115)

2.1.3 - O homem é um ser perfectível.(776)

2.1.4 - O homem deve progredir sem cessar. (778, 993)

2.1.5 - Não há egoísmo em se melhorar visando à perfeição, pois, este é o nosso objetivo. (897)

2.1.6 - Nosso objetivo é avançar sempre em direção a Deus. (495 e 501)

2.1.7 - A felicidade eterna e pura é para aqueles que alcançaram a perfeição. (115)

2.1.8 - A felicidade é proporcional à evolução.(298)

2.1.9 - É uma necessidade do espírito passar pelas provas do mal para alcançar o bem. (466)¹

2.1.10 - É dever do espírito progredir na ciência do infinito.(466)

2.2 – Vertentes da evolução – intelectual e moral

2.2.1 - A evolução espiritual se processa em duas vertentes: a ciência e a moralidade. É necessário progredir em ambos para se aprimorar completamente.(192, 495)

2.2.2 - A soma de prazeres que pode dar o progresso intelectual não traz a felicidade completa. Somente com o progresso moral haverá segurança nas relações sociais que proporcionarão felicidade completa. (Conclusão item-IV)

2.2.3 - O espírito deve ter todas as aptidões intelectuais e

¹ Passar pelas provas do mal, não significa praticá-lo, apenas ser tentado, para ser testado a fé e a constância no bem, conforme pergunta citada.

morais. (366)

2.2.4 - O progresso moral não segue sempre imediatamente o progresso intelectual. (780)

2.2.5 - O progresso intelectual faz compreender o bem e o mal.(780)

2.2.6 - O progresso intelectual aumenta a responsabilidade dos atos conduzindo o progresso moral. (780)

2.2.7 - O progresso intelectual caminha sempre. (785)

2.2.8 - Quando a moral estiver tão desenvolvida quanto à inteligência, o progresso da civilização será completo. (790, 791)

2.3 – Características da evolução

2.3.1 - Para se aperfeiçoar o espírito deve percorrer os diferentes graus da escala espiritual.(567)

2.3.2 - A transformação moral se opera com o tempo, gradualmente, pouco a pouco. (800)

2.3.3 - É preciso gerações para apagar completamente os traços de velhos hábitos. (800)

2.3.4 - O ritmo e a forma do progresso é diferente para cada ser. (779)

2.3.5 - O progresso espiritual na presente existência significa diminuição das provas seguintes. (192, 495)

2.4 – Impossibilidade de deter a evolução

2.3.1 - O progresso espiritual é inevitável. (333)

2.3.2 - A lei natural não o permite retroceder.(778)

2.3.3 - Mais cedo ou mais tarde os homens perversos perceberão o falso caminho em que estão empenhados e o arrependimento virá.(994)

2.3.4 - As leis humanas que discordam das leis naturais desaparecerão. (788)

2.5 – O homem como colaborador da evolução da natureza e da sociedade

2.5.1 - É dever dos espíritos colaborar para o progresso de todos. (208)

2.5.2 - Os homens devem progredir, ajudando-se mutuamente. (767)

2.5.3 - É dever do homem favorecer a natureza no seu objetivo que é a perfeição (692)

2.5.4 - Os espíritos puros aproveitam a inteligência que adquiriram para ajudar o progresso dos outros espíritos.(969)

2.5.5 - As raças mais evoluídas devem erguer as menos evoluídas. (831)

2.5.6 - O contato entre os diferentes graus de desenvolvimento acelera o progresso dos mais atrasados. (805)

2.6 – A lei de destruição como colaborador da evolução

2.6.1 - A destruição ou transformação é uma lei natural, que visa à renovação e o melhoramento dos seres vivos. (728)

2.6.2 - O objetivo dos flagelos destruidores que atingem a humanidade é para fazê-la avançar mais depressa.(737)

2.7 - Reencarnação como Instrumento da evolução

2.7.1 - O espírito precisa reencarnar até depurar-se completamente. A existência na matéria é uma prova para o espírito. (166)

2.8 – Igualdade absoluta de riquezas

2.8.1 - É impossível uma igualdade absoluta de riquezas porque a diversidade de caracteres se opõe a isso. (811)

2.9 - Conhecimento de si mesmo

2.9.1 - Devemos estudar nossas próprias imperfeições com o objetivo de nos livrar delas.(14)

2.9.2 - O meio prático e mais eficaz para melhorar nesta vida é o conhecimento de si mesmo. (919)

2.9.3 - O conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual. (919)

2.9.4 - Devemos refletir sobre nossas ações, perguntando-nos o que fizemos de bem ou de mal, procurando melhorar-nos sempre.(919)

2.10 - Prática da lei natural ou divina

2.10.1 - O homem se aperfeiçoa à medida que compreende e pratica melhor a lei natural. (776)

2.10.2 - Reconhece-se num homem o progresso real quando todos os seus atos são a prática da lei natural e quando ele compreende por antecipação a vida espiritual. (918)

2.10.3 - Há aceleração no progresso moral do espírito quando ele deseja e quando se submete à vontade de Deus. (117)

2.11 - Resistência nas provas

2.3.1 - Se o espírito resiste às provas com coragem e firmeza, eleva-se e ascende na hierarquia espiritual. (393)

2.3.2 - É dever do homem se resignar e suportar, sem murmurar, os males que o atingem sem que ele seja responsável por eles se deseja progredir. (924)

2.3.3 - Expição é suportar as vicissitudes da vida corporal. O espírito somente alcança a perfeição se expiar.(132)

2.3.4 - Quanto mais rude a prova for, e melhor a suportares, mais te elevarás. (866)

2.12 – Orgulho, egoísmo, más tendências e preconceitos

2.12.1 - Aquele que quer se aproximar da perfeição deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo. (913)

2.12.2 - Devemos arrancar nossas más tendências como se arrancam as más ervas de um jardim. (919)

2.12.3 - Devemos eliminar sempre idéias preconcebidas e preconceitos para alcançar a Deus. (495)

2.12.4 - A terra será o reino do bem quando dela forem banidos o orgulho e o egoísmo.(1018)

2.12.5 - O maior obstáculo ao progresso moral é o orgulho e o egoísmo. (785)

2.12.6 - O homem tem uma dupla natureza: animal e espiritual. É dever do espírito se despojar das próprias imperfeições e lutar contra a influência da matéria, porque ela nos aproxima dos animais. Quanto mais inferior o espírito mais a matéria o influencia. (605)

2.13 - Educação

2.13.1 - A educação, se bem entendida, é a chave do progresso moral. (917)

2.13.2 - Adquirir conhecimentos científicos é útil, porque o espírito se elevará mais depressa, se já progrediu em inteligência e porque nos coloca em condição de melhor aliviar nossos irmãos. (898)

2.14 – Trabalho

2.14.1 - Pelo trabalho² o homem exercita e desenvolve a inteligência. (676 e 692)

2.14.2 - O trabalho conduz sempre ao progresso. (450)

2.14.3 - É através da atividade que os espíritos adquirem conhecimentos e se elevam.(988)

2.14.4 - O trabalho é uma consequência da natureza corporal.

É expiação e meio de aperfeiçoamento. (676)

2.14.5 - A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades (678)

2.14.6 - A civilização aumenta as necessidades e os prazeres, obrigando o homem a trabalhar mais.

2.15 – Arrependimento

2.15.1 – Deus acolhe sempre o arrependimento, o desejo de melhorar jamais é estéril.(1008)

2.16 - Aplicação da lei de justiça, amor e caridade

2.16.1 - O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e caridade. Dela derivam todas as outras, porque ela encerra as condições da felicidade do homem. (Conclusão item-IV)

2.16.2 - O progresso dos povos é medido por quanto eles praticam e entendem a lei de amor, justiça e caridade. (Conclusão item-IV)

2.16.3 - Quando a lei humana tiver como base à lei natural os povos praticarão a caridade, viverão felizes e em paz porque ninguém procurará viver às custas do vizinho. (789)

2.16.4 - Os homens se entenderão, quando praticarem a lei de justiça. (812)

2.16.5 - Quando os homens praticarem a justiça e a lei natural, a guerra desaparecerá da terra. (743)

2.17- Aproximação da lei humana à divina

2.17.1 - A lei dos homens deve se aproximar da lei natural, consagrando a igualdade de direitos entre homem e mulher. (822)

2.17.2 - O desaparecimento da pena de morte marcará um progresso da humanidade. (760)

² O trabalho é toda ocupação útil.(675)

2.17.3 - É preciso modificar as leis humanas à medida que se compreende melhor a justiça. (795)

2.17.4 - A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. (701)

2.17.5 - Os povos que possuem leis que se harmonizam com as leis naturais serão modelos para outros povos. (789)

2.17.6 - A escravidão é um abuso que desaparecerá com o progresso. (829)

2.18 - União

2.18..1 - A união dos espíritos é proporcional à sua evolução. (298)

2.18..2 - O casamento é um progresso na marcha da humanidade. (695)

2.18..3 - Os laços sociais são necessários para o progresso. (774)

2.18..4 - Os laços de família estreitam os laços sociais e são uma lei natural. (774)

2.19 - Liberdade de consciência

2.19.1 - A consciência é um pensamento íntimo. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso. (835, 837)

2.20 - Doutrina Espírita e a Evolução individual e social

2.20.1 - A Doutrina Espírita mostra que o sublime objetivo do homem é o progresso individual e social. A Doutrina Espírita indica o caminho a seguir para conseguir este objetivo. (Introdução XVII)

2.20.2 - O Espiritismo contribuirá para o progresso das seguintes formas:

a) Destruindo o materialismo;

- b) Fazendo o homem compreender seu verdadeiro interesse;
- c) Ensinando sobre a vida futura (após a morte);
- d) Mostrando como ele deve agir para assegurar seu futuro;
- e) Destruindo os preconceitos de casta, cor etc.;
- f) Ensinando a solidariedade que deve unir os homens como irmãos. (799)

2.20.3 - A crença no espiritismo:

- a) Ajuda a melhorar-se fixando as idéias sobre certos pontos do futuro;
- b) Apressa o adiantamento dos indivíduos e da massa;
- c) Ensina a suportar as provas com paciência e resignação. (982)

O livre arbítrio, as ações e suas conseqüências

3.1 - Relatividade do bem e do mal

3.0.1 A relatividade do bem e do mal está no grau de responsabilidade, é mais culpável aquele que sabe melhor o que faz.(636 e 637)

3.0.2 A responsabilidade está em razão dos meios que ele tem de compreender o bem e o mal.(637)

3.0.3 Quanto mais sabedoria o homem tem menos escusável ele é de não aplicá-lo em si mesmo.(828)

3.0.4 A responsabilidade do mal é relativa aos meios que se tem de compreender.(830)

3.0.5 Sofre mais aquele que compreende o quanto é culpado.(975)

3.0.6 É útil o homem não distinguir entre os seus pensamentos próprios e os sugeridos. Há uma liberdade maior se a decisão for voluntária. Quem age voluntariamente assume as responsabilidades dos seus atos.(461)

3.0.7 Aqueles que possuem a inteligência para compreender a moral e não a praticam são os mais culpáveis.(905)

3.0.8 O homem cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer, que não é senhor do seu pensamento, não tem mais liberdade; isto é frequentemente uma punição.(847)

3.2 - A construção do futuro

3.0.1 Nosso destino é construído por nossos atos.(852)

3.0.2 A conseqüência da vida futura é a responsabilidade dos nossos atos.(962)

3.0.3 Somos os próprios artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura.(964)

3.0.4 O homem é o próprio artífice de sua própria infelicidade ou felicidade, depende de ele amenizar seus males e ser

tão feliz quanto se pode ser sobre a terra.(920 e 921)

3.0.5 O homem possui livre-arbítrio.(843)

3.0.6 As idéias justas ou falsas que fazemos das coisas nos fazem vencer ou fracassar segundo nosso caráter e nossa posição social.(852)

3.3 - Conhecimento do futuro

3.3.1 O futuro é oculto ao homem, se ele o conhecesse, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade.(868 e 869)

3.3.2 O conhecimento do futuro freqüentemente é uma prova.(870)

3.4 - Escolha das provas

3.4.1 Podem existir fatalidades nos acontecimentos materiais da vida, mas nos atos da vida moral emana a liberdade de escolha do próprio homem.(851)

3.4.2 A fatalidade não existe senão pela escolha que fez o espírito, em se encarnando, suportar tal ou tal prova.(851)

3.4.3 O instante da morte e do nascimento é uma fatalidade.(853,859)

3.4.4 A riqueza, o poder, ou a miséria são provas para o espírito. Freqüentemente os próprios espíritos escolhem estas provas e nelas sucumbem.(814)

3.5 - A vida social

6.18.1 A desigualdade das condições sociais não é lei natural é obra do homem.(806)

6.18.2 A Vida social confere direitos e impõe deveres recíprocos.(877)

3. 6 - Pensamento e crença

6.19.1 A liberdade de pensar é sem limites, porém o homem

é responsável pelo seu pensamento diante de Deus, que condena ou absolve segundo a Justiça.(833 e 834)

6.19.2 Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz ao bem. As crenças repreensíveis são as que conduzem ao mal.(838)

6.19.3 Podem se reprimir os atos, mas a crença íntima é inacessível à repressão.(840)

3.7 – Conseqüências do mal

3.7.1 - O mal traz suas conseqüências. Elas recaem principalmente sobre aquele que lhe é causa, porque sofremos as conseqüências do mal feito e do mal provocado.(639)

3.7.2 - Quem se aproveita do mal praticado também é culpado: aproveitar é participar.(640)

3.7.3 - É culpável aquele que deseja o mal e não o pratica por falta de oportunidade.(641)

3.7.4 - O espírito sofre todo mal que faz, ou do qual foi a causa voluntário, por todo bem que poderia fazer e que não fez e por todo mal que resulta do bem que não praticou.(975)

3.7.5 -Cada um responderá por todo mal que resulte do bem que não haja feito.(642 e 657)

3.8 - Disposições dos bens materiais após a morte

6.21.1 - Depois da morte somos responsáveis pelas disposições que fizemos de nossos bens, devemos ser o mais equitativo possível.(810)

3.9 - A riqueza

3.9.1 - Quanto mais rico e poderoso mais se tem obrigações a cumprir e maiores são os meios para fazer o bem e o mal.(816)

3.9.2 - Se alguém é infeliz, sendo privado das necessidades básicas, a culpa pode ser dele ou de outro, neste caso a responsabilidade recairá sobre aquele que lhe deu causa.(927)

3.9.3 - Herdar uma fortuna é uma oportunidade de reparar uma injustiça.(809)

3.10 - Mérito e a recompensa

Segundo as obras

3.10.1 - O homem tem a liberdade de escolha, cada um tem o mérito de suas obras.(123)

3.10.2 - A recompensa é segundo as obras do bem feito e das boas intenções de fazer o bem.(584)

3.10.3 - A soma de felicidade futura é proporcional à soma do bem que se fez e da infelicidade está em razão do mal e dos infelizes que se tenha feito.(988)

Proporcional ao sacrifício

3.10.4 - Todo sacrifício pessoal é meritório quando é para o bem. Quanto maior o sacrifício maior o mérito.(699)

3.10.5 - Quanto mais rude a prova for, e melhor a suportares, mais te elevarás.(866)

3.10.6 - O mérito do bem está relacionado com a dificuldade de sua realização, não existe mérito sem trabalho.(646)

3.10.7 - Se o justo é infeliz, é uma prova que lhe será tida em conta se suportar com coragem.(926)

Mérito da meditação e da prece

3.10.8 - A meditação e contemplação sem a ação no bem não possui méritos, porque é inútil à humanidade.(657)

3.10.9 - Apenas a ação de pedir não é suficiente para conseguir a assistência divina. É necessário agir buscando as soluções.(479)

3.10.10 - As boas ações valem mais que as preces, porque os atos valem mais que as palavras.(661)

3.10.11 - A prece não pode mudar a justiça divina, porém pode provocar o arrependimento e o desejo de fazer o bem que por sua vez pode abreviar o sofrimento.(663, 664)

Mérito e o orgulho

3.10.12 - A ostentação aos olhos de Deus tira o mérito do favor.(888)

3.11 - Resgate e reparação

3.11.2 - Nós podemos resgatar nossas faltas desde esta vida, reparando-as.(1000)

3.11.3 - A expiação se cumpre na existência corporal pelas provas e na vida espiritual pelos sofrimentos morais.(998)

3.11.4 - O mal não é reparado senão pelo bem e a reparação não tem nenhum mérito se não atinge o homem no seu orgulho ou nos seus interesses materiais.(1000)

3.11.5 - Aqueles que abusam de sua superioridade social para oprimir o fraco renascerão numa existência em que sofrerão tudo que fizeram sofrer.(807)

3.11.6 - O estado de sofrimento ou de felicidade sendo proporcional ao grau de depuração e a duração e a natureza de seus sofrimentos depende do tempo que ele emprega para se melhorar.(1004)

3.11.7 - O arrependimento ajuda o progresso do espírito, mas o passado deve ser expiado.(999)

3.11.8 - A punição de um espírito falido numa missão é:

A) Recomeçar a tarefa (missão);

B) Sofrer as conseqüências dos males que haja causado.(578)

3.11.9 - Os sofrimentos dos espíritos inferiores consistem em:

a) Inveja, desgosto, ciúme, raiva, desespero, remorso, ansiedade moral indefinível;

b) Não satisfação do desejo pelos prazeres materiais.(970)

3.11.10 - O maior sofrimento é o pensamento de serem condenados para sempre.(973)

3.11.11 - A lei que rege a duração das penas é, pois, eminentemente sábia e benevolente, visto que subordina a duração das penas aos esforços do espírito em si melhorar.(1006)

3.11.12 - Todas as penas e as tribulações da vida são expiações de faltas de uma outra existência, quando não são conseqüências das faltas da vida atual.(983)

3.12 – Homicídio

3.12.1 - Matar o semelhante, mesmo em situações críticas, para comer, é crime que não é atenuado pelo instinto de conservação.(709)

3.12.2 - O verdadeiro culpado pela guerra precisará de muitas existências para expiar todos os homicídios dos quais foi causa.(745)

3.12.3 - A culpa do homicídio varia com a intenção.(747)

3.12.4 - Aqueles que induzem ao suicídio responderão por homicídio.(946)

3.13 – Suicídio

3.13.1 - Aquele que se deixa morrer de desespero por causa de necessidade é considerado suicida, porém com atenuantes. Aqueles que causaram a necessidade ou que poderiam impedi-la são mais culpados do que o suicida. (947)

3.13.2 - Quando se teve coragem de se fazer o mal, é preciso ter a de suportar suas conseqüências. Não se justifica o suicídio que tem por objetivo escapar da vergonha de uma má ação.(948)

3.13.3 - O suicídio que tem por objetivo impedir que a vergonha recaia sobre os filhos ou a família possui atenuante por causa da intenção, mas não deixa de ser uma falta.(949)

3.13.4 - Aquele que se suicida, na esperança de alcançar uma vida melhor, comete um grande erro.(950)

3.13.4 - Aquele que se deixa perecer por causa do abuso de paixões prejudiciais à saúde, é duplamente culpado, pois também é um suicídio moral. É mais culpado do que aquele que tira a vida num ato de desespero, porque teve tempo de refletir sobre seu suicídio.(952)

3.13.5 - Sempre se é culpado, quando não se espera o momento certo da morte, mesmo para abreviar o sofrimento diante de uma morte inevitável, porque constitui falta de resignação e submissão à vontade de Deus.(953)

3.13.6 - Numa imprudência que compromete a vida sem ne-

cessidade, não há culpabilidade se não há intenção ou consciência positiva de fazer o mal.(954)

3.13.7 - O suicídio, com o objetivo de se encontrar entes queridos, é um erro, pois este ato o afastará mais ainda deles e trará outros sofrimentos.(956)

3.13.8 - As conseqüências do suicídio sobre o estado do espírito são diversas que dependem das causas e circunstâncias que o provocaram, porém o desapontamento é comum a todos.(957)

3.14 – Prática da justiça e da lei natural

3.14.1 - Quando os homens praticarem a justiça e a lei natural, a guerra desaparecerá da terra. (743)

3.14.2 - A lei natural traça o limite das necessidades do homem, quando ele ultrapassa é punido com o sofrimento.(633)

3.15 - Trabalho

3.15.2 - O trabalho é uma conseqüência da natureza corporal. É expiação e ao mesmo tempo meio de aperfeiçoamento da inteligência.(676)

3.15.3 - O homem decide qual é o limite de suas forças para o trabalho.(683)

3.15.4 - Aquele que impõe excesso de trabalho aos seus subalternos transgride a lei natural.(684)

3.16 – Ociosidade

3.16.1 - Todos prestarão contas da inutilidade voluntária de sua existência.(988)

3.16.2 - A expiação da inutilidade voluntária começa freqüentemente, neste mundo, pelo tédio e pelo desgosto da vida.(574)

3.17- Orgulho

3.17.1 - A desigualdade das condições sociais acabará juntamente com o desaparecimento da predominância do orgulho, ficando somente a desigualdade de méritos.(806)

3.17.2 - Existem homens que não aproveitam o conhecimento do bem e do mal como meio para progredir, estes serão castigados no seu orgulho pelas leis divinas que farão sentir suas fraquezas através de flagelos destruidores.(738)

3.18 - Educação dos filhos

3.18.1 - Se os filhos sucumbirem por falha dos pais, estes carregarão os sofrimentos dos filhos na vida futura.(582)

3.18.2 - Os pais não são responsáveis se se esforçam ao máximo e não conseguem desviar a criança do caminho do mal.(583)

3.18.3 - Quanto maior a disposição da criança ao mal, maior o mérito dos pais se conseguirem desviá-la deste caminho.(583)

3.19- Riqueza e miséria

3.19.1 - A miséria provoca queixa e lamentações e a riqueza leva a todos os excessos.(815)

3.19.2 - A fortuna é uma prova frequentemente mais perigosa do que a miséria.(925)

3.19.3 - Os que passam a vida na abundância e na felicidade humana são espíritos frouxos que permanecem estacionários.(866)

3.20 – Causas de perturbação

3.20.1 - Após a morte o espírito passa por uma fase de perturbação. Sua intensidade e a duração dependem do estado de consciência. (165)

3.20.2 - A angústia e a ansiedade aumentam após a perturbação para os que não têm a consciência pura.(165)

3.20.1 - Os espíritos imperfeitos ou inferiores lamentam(sofrem) as perdas dos prazeres efêmeros da terra. Este sofrimento é uma expiação.(313)

3.20.2 - A satisfação das necessidades materiais é fonte de prazeres para o homem, porém prazeres típicos do animal cuja falta constitui-lhe uma tortura.(968)

3.20.3 - O abuso das paixões causa o mal.(907)

3.20.4 - As paixões são os próprios suplícios após a morte: o avarento vê o ouro que não pode possuir, o debochado, as orgias que não pode participar, etc.(972)

3.20.5 - As doenças, as enfermidades, a própria morte podem ser conseqüências dos abusos.(714)

3.21- Abolição do casamento

3.21.1 - A abolição do casamento causaria o retorno à infância da humanidade.(696)

3.22 - Predominância da vida moral sobre a material

3.22.1 - O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material.(917)

3.23- Superação das provas

3.23.1 - O espírito se eleva quando sai vencedor de uma prova e conseqüentemente sua força moral cresce afastando os maus espíritos.(872)

3.24- Escândalo

3.24.1 - Aquele que sonda as chagas da sociedade e produz escândalo pode ser punido, dependendo do sentimento que o

leva a fazê-lo.(904)

3.25- Alcoolismo

4.25.1 - Os bêbados são duplamente culpados pelos seus atos.(848)

Educação

4.1 - Conceito de educação Moral

4.1.1- Educação moral é a arte de formar os caracteres, que dão os hábitos.(685)

4.1.2 - A educação exige muito tato, muita experiência e uma profunda observação.(917)

4.2 – Transformar a sociedade e combater o egoísmo

4.2.1- É preciso reformar todas as instituições humanas que entretêm e excitam o egoísmo. A educação é o meio para reformar as instituições humanas e combater o egoísmo.(914)

4.2.2- A educação moral deve mostrar ao homem que todas as profissões têm valor, mesmo as mais humildes, combatendo o preconceito do orgulho. Quando os bons quiserem dominarão.(928)

4.2.3- A desordem e a imprevidência são duas chagas que só a educação moral pode curar.(685)

4.2.4- A educação reforma os homens que não terão mais a necessidade de leis tão severas.(796)

4.3 – Progresso moral

4.3.1- A educação, se bem entendida, é a chave do progresso moral.(917)

4.3.2- A educação bem entendida deve produzir homens de bem e não apenas homens instruídos.(917)

4.4 – Educação dos filhos

A fase infantil

4.4.1- A utilidade da infância é tornar o espírito receptivo e flexível a impressões que favorecem o seu adiantamento. É dever dos encarregados da educação contribuir para o adiantamento moral do espírito. É dever dos pais (missão) reformar seu caráter e reprimir as más inclinações. A infância é uma consequência natural da lei de Deus.(383 e 385, 582)

Missão dos pais

4.4.1- É dever ou missão dos pais ajudar o progresso espiritual de seus filhos através da educação.(208)

4.4.2- A paternidade é uma missão. É dever dos pais dirigir seus filhos no caminho do bem.(582)

4.4.3- Os pais serão culpados caso não consigam educar seus filhos.(208)

4.4.4- Se os filhos sucumbirem por falha dos pais, estes carregarão os sofrimentos dos filhos na vida futura.(582)

4.4.5- Os pais não são responsáveis se esforçam ao máximo e não conseguem desviar a criança do caminho do mal.(583)

4.4.6- Os pais são responsáveis se, por orgulho ou avareza, obrigarem seus filhos a não seguirem suas vocações.(928)

4.4.7- Quanto maior a disposição da criança ao mal, maior o mérito dos pais se conseguirem desviá-la deste caminho.(583)

4.5 – Educação e reabilitação

4.5.1- O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação, a libertação.(1009)

4.5.2- As leis penais punem o mal mas não reeducam o homem.(796)

4.6– Nosso papel na educação

4.6.1- É nosso dever repartir com nossos irmãos a inteligên-

cia e a ciência, adiantando-os no caminho da alegria e da felicidade eterna.(495)

4.6.2- Sede indulgentes para com os defeitos de vossos semelhantes; em lugar de menosprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os.(888)

O bem e as virtudes

5.1 - Conceito de moral

5.0.1- A moral é a regra para se conduzir bem, ela distingue o bem do mal.(629)

5.0.2- O ato moralmente correto é aquele que visa ao bem de todos.(629)

5.0.3- Para não errar devemos fazer para o outro aquilo que gostaríamos que o outro fizesse para nós.(632)

5.2 - O bem como direito de todos

5.0.1- Todos podem fazer o bem, com exceção dos egoístas que jamais encontram esta oportunidade. (643)

5.0.2- Fazer o bem é ser útil na medida do seu poder. As relações sociais nos fornecem oportunidades de fazer o bem.(643)

5.0.3- Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz ao bem.(838)

5.3 – O limite do instinto e das más tendências

5.3.1- Não existe arrebatamento instintivo irresistível.(845)

5.3.2- O homem é sempre capaz de vencer as más tendências pelos seus esforços.(908)

5.4– Conceito de propriedade legítima

5.4.1 - A propriedade legítima é aquela que foi adquirida sem prejuízo para outrem.(884)

5.5– Dialética do bem

5.0.1- Numa sociedade fundada sobre a justiça e a solidarie-

dade, o homem mesmo também será melhor. (930)

5.0.2- Os maus são intrigantes e audaciosos e os bons são tímidos por isto os maus tão freqüentemente sobrepujam os bons pela influência.(932)

5.6 – Princípio de não violência

5.6.1- Deve-se procurar convencer aqueles que se perderam por falsos princípios pela suavidade e persuasão e não pela força; convicção não se impõe.(841)

5.7 – Evitar tribulações, decepções

5.7.1- A prática das virtudes morais evita tribulações.(item 257)

5.7.2- Aquele que limita seus desejos e vê sem inveja os que estão acima de si, poupa-se de muitas decepções desta vida.(926)

5.8 – Elevar-se espiritualmente

5.8.1- Se o espírito resiste às provas com coragem e resistência eleva-se e ascende na hierarquia espiritual.(393)

5.8.2 - As privações dos prazeres inúteis são meritórias, porque desliga o homem da matéria e eleva sua alma.(720)

5.8.3 - Aquele que quer se aproximar da perfeição deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo.(913)

5.8.4 - É dever do homem se resignar e suportar sem murmurar os males que o atingem sem que ele seja responsável por eles, se deseja progredir.(924)

5.8.5 - O amor ao próximo e o desprezo das futilidades da matéria nos aproxima da natureza espiritual; (Pg.22 par.3)

5.9 – Conquista da Felicidade

5.9.1 - Para assegurar sua felicidade neste mundo, ou no outro, o homem deve destruir o egoísmo e desenvolver a caridade.(917)

5.10 – Recompensas futuras

5.10.1 - Os homens de bem que sucumbem nestes flagelos juntos com os perversos, adquirem um novo ensinamento e encontrarão noutra existência uma larga compensação aos seus sofrimentos, se eles sabem suportá-los sem murmurar.(738)¹

5.11 – Superação do temor da morte

2.11.1- O justo não tem medo da morte porque:

- a) Com fé, tem certeza do futuro;
- b) Tendo esperança, espera uma vida melhor,
- c) Praticando a caridade, não teme encontrar inimigos,
- d) Se eleva acima das necessidades fictícias criadas pelas paixões.(941)

5.12 – Características do homem de bem

5.12.1 - O homem de bem:

- a) Pratica a lei de Justiça, amor e caridade;
- b) Pergunta-se se fez todo o bem que podia;
- c) Ninguém tem nada a lamentar dele;
- d) Não espera retribuição pelo bem que fez;
- e) Sacrifica seu interesse à justiça;
- f) É bom, humano e benevolente para com todos;
- g) Vê irmãos em todos os homens, sem exceção de raça nem de crenças;
- h) Faz uso da riqueza para o bem sem se envair decer;
- i) Usa de sua autoridade para elevar a moral dos

¹ Flagelos são desastres naturais como terremotos, enchentes, etc.

homens sob sua dependência e não para esma gar com seu orgulho;

j) É indulgente para com as fraquezas alheias;

k) Não é vingativo;

l) Perdoa as ofensas para não se recordar senão dos benefícios;

m) Respeita todos os direitos de seus semelhantes.(918)

5.12.2- O homem de bem se antecipa ao infeliz sem esperar que lhe estenda a mão.(888)

5.12.3- O guia e modelo moral para a humanidade é Jesus.(625)

5.12.4- Reconhece-se num homem o progresso real, quando todos os seus atos são a prática da lei natural e quando ele compreende por antecipação a vida espiritual.(918)

5.12.5 - A missão dos espíritos encarnados é:

a) Instruir os homens;

b) Ajudar o seu progresso;

c) Ajudar as instituições por meio direto e material;

d) Ajudar o cumprimento dos caminhos da providência;

e) Ser útil em alguma coisa.(573)

5.12.6- A grandeza e a verdadeira honra é confessar-se culpado quando errou e perdoar quando se tem razão, desprezando os insultos.(759)

5.12.7- Devemos nos esforçar para ter as qualidades opostas aos defeitos que observamos nos outros.(903)

5.12.8 - É útil estudar os defeitos dos outros em proveito pessoal para evitá-los em si mesmo.(903)

5.12.9 - Não devemos endurecer nosso coração por causa de decepções causadas pela ingratidão.(938)

5.12.10 - Não é repreensível reconhecer que triunfou sobre as más tendências e disto estar satisfeito, desde que não se envaideça.(906)

5.13 – Abnegação de si mesmo

5.13.1- O bem deve ser feito com desinteresse.(897)

5.13.2- O sublime da virtude é o sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem oculta intenção.(893)

5.13.3- Todo sacrifício pessoal é meritório, quando é para o bem. Quanto maior o sacrifício, maior o mérito.(699)

5.13.4- O sacrifício da vida, quando tem o objetivo de salvar a de outrem ou ser útil aos seus semelhantes, não é suicídio, conforme a intenção é sublime, porém é seu dever refletir se sua vida não seria mais útil que sua morte.(951)

5.13.5- O celibato voluntário é meritório somente com o objetivo de se dedicar inteiramente ao serviço da humanidade.(698)

5.13.6- O meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza corporal é praticar a abnegação de si mesmo.(912)

5.13.7- Os únicos sofrimentos que elevam são os sofrimentos naturais, os voluntários não servem para nada, quando eles não fazem o bem para outrem.(726)

5.14 - Caridade, justiça e amor

5.14.1- Caridade é benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas.(886)

5.14.2- Amar os inimigos é perdoar-lhes e restituir bem por mal.(887)

5.14.3- O justo deve praticar o amor ao próximo e a caridade.(879)

5.14.4- Os que progridem mais rapidamente devem ajudar os outros pelo contato social.(779)

5.14.5- Os fortes devem proteger os fracos.(820)

5.14.6- Sede indulgentes para com os defeitos de vossos semelhantes; em lugar de menosprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os.(888)

5.14.7- O sentimento de justiça está na natureza. A justiça consiste no respeito ao direito de cada um. Estes direitos são determinados pela lei humana e pela lei natural.(873,835)

5.15 – Resistência e perseverança

5.15.1- A resistência ao mal é uma virtude.(641)

5.15.2- É meritório aquele que é exposto à tentação do mal e não o pratica.(645)

5.15.3- O homem deve procurar os meios de existência com ardor e perseverança.(707)

5.15.4- Os obstáculos que se encontram para conseguir os meios de existência são provas para testar a constância, paciência e a firmeza.(707)

5.15.5- Existe virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento das más tendências.(893)

5.16- Resignação, aceitação e paciência

5.16.1- A miséria é uma prova que deve ser suportada com resignação, caso a inteligência não consiga um meio de livrar-se dela.(708)

5.16.2- Os flagelos são provas que fornecem ao homem a ocasião de exercitar sua inteligência, de mostrar sua paciência e sua resignação à vontade de Deus.(740)

5.16.3- Se o justo é infeliz, é uma prova que lhe será tida em conta, se suportar com coragem.(926)

5.17- Trabalho

5.17.1- O mérito do bem está relacionado com a dificuldade de sua realização, não existe mérito sem trabalho.(646)

5.17.2- O trabalho nada tem de árido para aquele que exercita suas faculdades com um objetivo útil e segundo suas aptidões naturais.(943)

5.17.3- Para os que trabalham a existência não é uma carga.(945)

5.18- Coerência

5.18.1- A adoração exterior é útil para dar um bom exemplo, porém se a conduta é incoerente seu exemplo é antes mau do que bom.(653)

5.18.2- A melhor adoração é aquela feita do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal.(654,672)

As paixões e os vícios

6.1- Natureza das paixões

6.0.1 As más paixões são de duas naturezas: Uma provém dos instintos da natureza animal e outra provem das impurezas do espírito. (605)

6.0.2 A paixão é um excesso acrescentado a vontade. O princípio das paixões foi dado ao homem para o bem.(907)

6.0.3 A paixão torna-se perniciosa quando:

a) não podeis governá-la;

b) traz prejuízo para vós ou outrem.(908)

6.0.1 Todas as paixões (orgulho ferido, ambição frustrada, ansiedade da avareza, inveja e ciúme) são torturas da alma cujo homem é seu próprio artífice.(933)

6.0.2 O egoísmo, o orgulho, a sensualidade são más paixões. (Int.VI)

6.0.3 A inveja, o ciúme, avareza e ambição são imperfeições morais.(133)

6.0.4 O abuso das paixões causa o mal(907)

6.2 – O sofrimento e o bem-estar

6.2.1- O bem-estar não deve ser adquirido à custa dos outros, e não deve enfraquecer as forças morais e físicas. (719)

6.2.2- Os únicos sofrimentos que elevam são os sofrimentos naturais, os voluntários não servem para nada, quando eles não fazem o bem para outrem.(726)

6.3 – As crenças

6.3.1 - As crenças repreensíveis são as que conduzem ao mal. (838)

6.4 – Sujeição do homem ao homem.

6.4.1 - Toda sujeição absoluta de um homem ao outro é contrária a lei natural.(829)

6.5 – Resistência ao mal

6.5.1 - Todos são capazes de resistir ao mal.(645)

6.6 - O egoísmo

6.6.1 - O maior obstáculo ao progresso moral é o orgulho e o egoísmo.(785)

6.6.2 - O egoísmo:

- a) É incompatível com a justiça, amor e caridade.
- b) Neutraliza todas as outras qualidades;
- c) É um sentimento de interesse pessoal;
- d) Ele se prende à influência da matéria;
- e) Dele deriva todo o mal;
- f) Fundamenta-se sobre a importância da personalidade.(913, 914 e 917)

6.6.3 - Todos podem fazer o bem, com exceção dos egoístas que jamais encontram esta oportunidade.(643)

6.6.4 - O relaxamento dos laços de família seria a recrudescência do egoísmo.(774)

6.6.5 - O interesse pessoal e o apego às coisas materiais é um sinal notório de inferioridade.(895)

6.6.6 - Quem calcula cada boa ação, pensando nos benefícios na vida futura age egoisticamente.(897)

6.6.7 - O homem não deve ser asceta, quando isto o impede de fazer o bem, tornando-se egoísta. (721)

6.7 – O Orgulho

6.7.1 - O desejo de perpetuar a memória através de monumentos fúnebres é um ato de orgulho.(823)

6.7.2 - A ostentação aos olhos de Deus tira o mérito do favor.(888)

6.7.3 - O orgulho cria uma crença: a ciência sabe tudo e a natureza nada lhe oculta. Esta crença leva ao materialismo.(147)

6.7.4 - A presunção que tudo sabe torna-os limitados no conhecimento total da natureza. (147)

6.8- A ociosidade

6.8.1 - A ociosidade é um suplício no lugar de ser um benefício.(678)

6.9- A crueldade

6.9.1 - A crueldade é de natureza má e jamais é necessária.(752)

6.10 – O desrespeito

6.10.1 - Quem desrespeita a crença alheia falta com a caridade.(655)

6.10.2 - Constranger os homens a agirem de modo contrário ao que pensam é torná-los hipócritas.(837)

6.10.3 - É faltar com a caridade escandalizar na sua crença a crença alheia. (839)

6.11 – A sensualidade

6.11.1 - Não se deve evitar a reprodução para satisfazer a sensualidade, pois isto prova a predominância do corpo sobre a alma. Na poligamia não há afeição real, mas sensualidade. (694, 701)

6.12- Alcoolismo

6.12.1 - Os bêbados são duplamente culpados pelos seus atos. (848)

6.13 – Jogos de azar

6.13.2 - A sorte no jogo é uma tentação, é uma prova para o orgulho e a cupidez.(865)

6.14– O Sofrimento

6.14.1 - Os espíritos imperfeitos ou inferiores lamentam (sofrem) as perdas dos prazeres efêmeros da terra. Este sofrimento é uma expiação.(313)

6.14.2 - A vaidade, ambição e cupidez frustrados fazem a infelicidade do homem.(933)

6.14.3 - O homem que não vê a felicidade senão na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros é infeliz, quando não os pode satisfazer.(933)

6.14.4 - Os sofrimentos dos espíritos inferiores consistem em:

a) Inveja, desgosto, ciúme, raiva, desespero, remorso, ansiedade moral indefinível;

b) Não satisfação do desejo pelos prazeres materiais.(970)

6.14.5 - As paixões são os próprios suplícios após a morte: o avarento vê o ouro que não pode possuir; o debochado, as orgias de que não pode participar, etc. (972)

6.14.6 - Imperfeições morais do espírito, originam dificuldades na vida, ou tormentos. Quem tem muitos defeitos terá muitos tormentos. (133)

6.15 – Afastamento da perfeição espiritual

6.15.1 - A riqueza e o poder fazem nascer as paixões que nos ligam à matéria e nos afastam da perfeição espiritual.(816)

6.15.2 - As más paixões nos aproximam da natureza animal e nos prendem à matéria. (Int.VI)

6.16– A guerra

6.16.1 - A guerra é causada pela predominância da natureza animal sobre a espiritual e pela satisfação das paixões.(742)

6.17 – A fome

6.17.1 - Há recursos para a existência de todos os homens se um não usurpar o que é do outro.(704,707,717)

6.18– Perda do senso moral, embrutecimento

6.18.1 - A super-excitação dos instintos materiais sufoca o senso moral.(754)

6.18.2 - No isolamento o homem se embrutece e se debilita.(768)

6.18.3 - Seja para satisfação pessoal ou privação, o isolamento absoluto não é meritório, porque o impede de praticar a lei de amor e caridade.(770)

6.18.4 - Voto de silêncio é uma tolice, porque priva o homem das relações sociais.(772)

6.18.5 - O homem que procura nos excessos o refinamento de seus prazeres está mais próximo da morte física e moral.(714)

6.19 – Desgosto pela vida e tédio (ociosidade)

6.19.1 - O desgosto pela vida é efeito da ociosidade, da falta de fé e freqüentemente da saciedade.(943)

6.19.2 - Todos prestarão contas da inutilidade voluntária de sua existência.(988)

6.19.3 - A expiação da inutilidade voluntária começa freqüentemente, neste mundo, pelo tédio e pelo desgosto da

vida.(574)

6.20 – Desigualda de social

6.20.1 - A desigualdade das condições sociais desaparecerá juntamente com a predominância do orgulho e egoísmo, ficando somente a desigualdade de méritos.(806)

6.20.2 - A miséria provoca queixa e lamentações e a riqueza leva a todos os excessos.(815)

6.21- Perecimento

6.21.1 - Aquele que se deixa perecer por causa do abuso de paixões prejudiciais à saúde, é duplamente culpado, pois também é um suicídio moral. É mais culpado do que aquele que tira a vida num ato de desespero, porque teve tempo de refletir sobre seu suicídio. (952)

6.21.2 - Sempre se é culpado, quando não se espera o momento certo da morte, mesmo para abreviar o sofrimento diante de uma morte inevitável, porque constitui falta de resignação e submissão à vontade de Deus.(953)

6.22 – Posicionamento individual na análise das paixões e vícios

6.22.1 - Deve-se desconfiar dos contos das pessoas muito crédulas ou muito entusiasmadas.(556)

2.22.2 - Deve-se desconfiar de narrações interesseiras que exploram a credulidade em seu proveito próprio.(556)

2.22.3 - Não é correto estudar os defeitos alheios para os criticar e divulgar, pois é faltar com a caridade. (903)

6.23 – Como superar as paixões e os vícios

5.23.1 - A desordem e a imprevidência são duas chagas que

só a educação moral pode curar.(685)

5.23.2 - Aquele que quer se aproximar da perfeição deve extrair de seu coração todo sentimento de egoísmo. (913)

5.23.3 - O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material.(917)

5.234 - É preciso combater o egoísmo como se combate uma doença epidêmica.(917)

Leis Naturais

7.1 – Existência e perfeição das leis naturais

7.0.1 - O universo é regido por leis que revelam a sabedoria e a bondade de Deus.(1003)

7.0.2 - Deus tem suas leis que regulam todas as ações dos homens.(964)

7.0.3 - O universo é perfeito. Não cabe ao homem criticar a perfeição. Não cabe ao homem dizer como deveria ser o universo.(394)

7.0.4 - O nada não existe.(958)

7.2 - Características das leis naturais

7.2.1 - O bem e o mal são absolutos; a lei natural é a mesma para todos.(636)

7.2.2 - A lei natural está escrita na consciência.(621)

7.2.3 - A lei natural não o permite retroceder.(778)

7.2.4 - A lei natural é a lei divina que indica o caminho para a felicidade do homem. A infelicidade é causada pelo afastamento da lei.(614)

7.2.5 - A lei natural traça o limite das necessidades do homem, quando ele a ultrapassa é punido com o sofrimento.(633)

7.3 – Conceito e fundamentação da moral

7.3.1 - A moral é a regra para se conduzir bem, ela distingue o bem do mal. Ela se funda na observação da lei natural.(629)

7.3.2 - O ato moralmente correto é aquele que visa ao bem de todos.(629)

7.3.3 - A lei natural define o certo e o errado, o que deve e o que não deve ser feito.(614)

7.3.4 - O Homem necessita de regras precisas para evitar interpretações errôneas, porque os preceitos gerais são muito

vagos.(647)

7.3.5 - É dever de todos concorrer para que se cumpram os objetivos da Providência (Leis naturais).(703)

7.4 – Em defesa da vida

7.4.1 - O maior de todos os direitos naturais é o de viver.(880)

7.4.2 - Deus nos deu os meios necessários para a sobrevivência. O necessário é útil, o supérfluo não o é jamais. O limite da necessidade é traçado pela natureza da própria organização do homem. Ultrapassar este limite é contrário a lei natural. (704,716,735)

7.4.3 - O homem deve prolongar sua vida para cumprir sua tarefa.(728)

7.4.4 - É dever do homem prover as necessidades do corpo.(718)

7.4.5 - A reprodução é uma lei natural sem a qual o mundo corporal acabaria.(686)

7.4.6 - O homem deve reger a reprodução segundo as necessidades, mas não deve entravá-la sem necessidade.(693)

7.4.7 - O aborto voluntário é crime perante a lei de Deus, porque impede que o espírito possa suportar as provas.(358 e 359)

7.4.8 - No caso de necessidade é preferível sacrificar o espírito que não completou seu reencarne.(358 e 359)

7.4.9 - O homicídio é um crime, porque corta uma vida de expiação, provas ou missão.(746)

7.4.10 - Matar o semelhante para comer é crime que não é atenuado pelo instinto de conservação.(709)

7.4.11 - A pena de morte é crime perante a lei de Deus.(765 e 763)

7.4.12 - O suicídio voluntário é uma transgressão da lei natural.(944)

7.5 – Igualdade de deveres e direitos

7.5.1 - A lei natural é igual para todos os homens.(803)

7.5.2 - O homem e a mulher são iguais e têm os mesmos direitos diante da lei natural.(817)

7.5.3 - A lei dos homens deve se aproximar da lei natural consagrando a igualdade de direitos entre homem e mulher. Igualdade de direito não significa igualdade de funções.(822)

7.5.4 - É impossível uma igualdade absoluta de riquezas, porque a diversidade de caracteres se opõe a isso.(811)

7.5.5 - A origem das riquezas pode ser lícita, quando conquistada pela faculdade e esforços, ou ilícita quando conquistada pela exploração e velhacaria.(808)

7.5.6 - A propriedade legítima é aquela que foi adquirida sem prejuízo para outrem.(884)

7.5.7 - A diferença de experiência e aptidão existe para que cada um possa ser útil no limite de suas forças físicas e intelectuais. (804)

7.5.8 - Toda sujeição absoluta de um homem ao outro é contrária à lei natural.(829)

7.5.9 - O uso dos bens da terra é um direito para todos os homens.(711)

7.6 - Evolução

7.6.1 - A lei natural contribui para o progresso da humanidade. (776)

7.6.2 - É dever do espírito progredir sem cessar.(993)

7.6.3 -Tudo que entrava a marcha da natureza é contrária a lei natural.(693)

7.6.4 - O instinto de conservação é uma lei natural. É uma necessidade para o aperfeiçoamento.(702)

7.6.5 - Todos aqueles que tentem atrasar a evolução planetária serão excluídos.(1018)

7.6.7 - O atrativo ligado ao gozo dos bens da terra é uma lei natural, que visa excitar o homem ao cumprimento dos objetivos da providência e também para testá-lo pela tentação.(712)

7.6.8 - O homem se aperfeiçoa à medida que compreende e pratica melhor a lei natural.(776)

7.7 – Necessidade do trabalho e do repouso

7.7.1 - Toda ocupação útil é um trabalho.(675)

7.7.2 - O Trabalho é uma lei natural e uma necessidade.(674)

7.7.3 - O homem pode ser isento do trabalho material, mas nunca da obrigação de se tornar útil segundo suas possibilidades.(679, 680)

7.7.4 - É dever dos filhos trabalhar pelos pais e dos pais, pelos filhos segundo o sentimento natural do amor.(681)

7.7.5 - O repouso do trabalho é uma lei natural e uma necessidade.(682)

7.7.6 - Pelo repouso reparamos a força do corpo e damos liberdade à inteligência para se elevar acima da matéria.(682)

7.7.7 - Aquele que impõe excesso de trabalho aos seus subalternos transgride a lei natural.(684)

7.8 – Necessidade da vida social e familiar

7.8.1 - O isolamento absoluto é contrário à lei natural.(766)

7.8.2 - Os laços de família estreitam os laços sociais e são uma lei natural.(774)

7.8.3 - Não é possível a liberdade absoluta no mundo, pois desde que haja dois homens juntos eles têm direitos a respeitar.(825 e 826)

7.8.4 - A indissolubilidade absoluta do casamento é uma lei humana muito contrária à lei natural.(697)

7.8.5 - Deus não te constrange a ficar com aqueles que te descontentam, tuas leis estão erradas (leis que não permitem o divórcio).(940)

7.9 – A fraternidade, a justiça e o amor

7.9.1 - A base da justiça sobre a lei natural dada por Cristo é desejar aos outros o que desejaríeis para vós mesmos.(875)

7.9.2 - Para não errar devemos fazer para o outro aquilo que gostaríamos que o outro fizesse para nós.(632)

7.9.3 - O forte deve trabalhar e proteger o fraco.(685)

7.9.4 - É dever da sociedade cuidar daqueles que se encontram abandonados segundo a lei da caridade.(685)

7.9.5 - O sentimento de justiça está na natureza. A justiça consiste no respeito ao direito de cada um. Estes direitos são determinados pela lei humana e pela lei natural.(873,835)

7.9.6 - Ninguém deve morrer de fome numa sociedade organizada segundo a lei de Cristo.(930)

7.9.7 – A natureza deu ao homem a necessidade de amar e ser amado.(938)

7.9.8 - As raças mais evoluídas devem erguer as menos evoluídas.(831)

7.9.9 – Há duas espécies de afeição, a do corpo que é perecível e a da alma que, quando pura e simpática, é durável.(939)

7.9.10 –Amar o próximo é a máxima na qual estão contidos todos os deveres dos homens entre si.(647)

7.10 - Adoração

7.10.1 - A adoração é a elevação do pensamento a Deus.(649)

7.10.2 - Através da adoração o homem se aproxima de Deus.(649)

7.10.3 - A prece é um ato de adoração.(659)

A razão e o conhecimento

8.1 – Discernimento

8.0.1- A ação inteligente do homem foi estabelecida por Deus. Ela é o meio que Deus nos deu para discernir o bem do mal.(631, 693)

8.0.2- Quando o homem crê em Deus e quer saber a distinção do bem e do mal ele tem a inteligência para fazê-lo.(631)

8.0.3- A responsabilidade está em razão dos meios que ele tem de compreender o bem e o mal.(637)

8.0.4- O progresso intelectual faz compreender o bem e o mal.(780)

8.0.5- Havendo excesso do mal se compreende melhor a necessidade do bem e das reformas.(784)

8.0.6- Porém a responsabilidade do mal é relativa aos meios que se tem de compreender.(830)

8.0.7- Mais cedo ou mais tarde, os homens perversos perceberão o falso caminho em que estão empenhados e o arrependimento virá.(994)

8.2 – Inteligência e moral

8.0.1 O progresso intelectual aumenta a responsabilidade dos atos, conduzindo o progresso moral.(780)

8.0.2 A vida moral é possível graças à inteligência do homem.(604)

8.0.3 Conhecendo o bem e o mal o espírito adquire experiência.(634)

8.0.4 Quando a moral estiver tão desenvolvida quanto à inteligência, o progresso da civilização será completo.(791)

8.3 – Características da razão humana

Falível

8.3.1 - A razão humana é falível porque é falseada pela má educação, orgulho e egoísmo. (75)

Evolutiva

8.3.2 - O progresso intelectual caminha sempre.(785)

8.4 – Conhecimento e responsabilidade

8.4.1 - Quanto mais sabedoria o homem tem, menos escusável ele é de não aplicar em si mesmo.(828)

8.4.2 - Sofre mais aquele que compreende o quanto é culpado.(975)

8.4.3 - A relatividade do bem e do mal está no grau de responsabilidade, é mais culpável aquele que sabe melhor o que faz.(636, 637)

8.4.4 - Porém a responsabilidade do mal é relativa aos meios que se tem de compreender.(830)

8.4.5 - Aqueles que possuem a inteligência para compreender a moral e não a praticam são os mais culpáveis.(905)

8.5 - A razão, o instinto e as tendências

8.5.1 - Os instintos do corpo são ininteligentes e limitados aos cuidados de conservação.(605)

8.5.2 - Não existe arrebatamento instintivo irresistível.(845)

8.5.3 - O instinto pode ou não conduzir ao bem. Ele pode ser guia mais seguro que a razão.(75)

8.6 – Desenvolvimento da razão e da inteligência

Pelo trabalho

8.6.1 - Pelo trabalho o homem exercita e desenvolve a inteligência.(676 e 692)

8.6.2 - É através da atividade que os espíritos adquirem co-

nhecimentos e se elevam.(988)

Pelos flagelos

8.6.3 - Os flagelos são provas que fornecem ao homem a ocasião de exercitar sua inteligência, de 8.6.4 - mostrar sua paciência e sua resignação à vontade de Deus.(740)

Pela tentação do Prazer

8.6.5 - O objetivo da tentação do prazer é o desenvolvimento da razão para preservá-lo dos excessos.(712)

Pela convivência

8.6.6 - É necessário conviver com uma pessoa para saber se um amor terno e durável repousa sobre a estima.(939)

8.7 – Perturbação

8.7.1- O conhecimento espírita auxilia o espírito a passar no processo da perturbação.(165)

8.8 – Distinção das necessidades

8.8.1- Cabe à razão distinguir as necessidades reais das necessidades artificiais ou de convenção.(635)

8.8.2 - O conhecimento de causa distingue o homem dos animais.(693)

8.8.3 - O limite da necessidade é conhecido pela experiência e pela intuição.(715)

8.8.4 - O limite da necessidade e do supérfluo é relativo e cabe à razão distinguir cada coisa porque a civilização cria para si novas necessidades.(717)

8.9 – Equilíbrio da natureza

8.9.1- A ação inteligente do homem deve reestabilizar o equilíbrio da natureza.(693)

8.9.2 - O direito de destruição dos animais deve ser regulado. O que justifica a destruição dos animais é a necessidade de nutrição e segurança.(734)

8.9.3- Tudo aquilo com qual o homem pode se nutrir sem prejuízo da sua saúde é permitido.(722)

8.10 – Os males que nos afligem

8.10.1 - Devemos usar a inteligência para afastar ou atenuar os males que nos afligem.(532)

8.10.2 - A miséria é uma prova que deve ser suportada com resignação, caso a inteligência não consiga um meio de livrar-se dela.(708)

8.10.3 - As idéias justas ou falsas que fazemos das coisas nos fazem vencer ou fracassar segundo nosso caráter e nossa posição social.(852)

8.10.4 - O homem civilizado raciocina sua infelicidade e a analisa e por isso é mais afetado, mas ele pode também raciocinar e analisar os meios de consolação.(933)

8.10.5 - A elevação dos pensamentos acima do círculo estreito da vida material faz com que o homem perceba como as vicissitudes da humanidade são mesquinhas e pueris.(933)

8.11 – Ajudar os outros

8.11.1 - Os espíritos puros aproveitam a inteligência que adquiriram para ajudar o progresso dos outros espíritos.(969)

8.11.2 - Adquirir conhecimentos científicos é útil, porque o espírito se elevará mais depressa se já progrediu em inteligência e porque nos coloca em condição de melhor aliviar nossos irmãos.(898)

8.11.3 - O sacrifício da vida quando tem o objetivo de salvar a de outrem ou ser útil aos seus semelhantes não é suicídio, conforme a intenção é sublime, porém é seu dever refletir se sua vida não seria mais útil que sua morte.(951)

8.12 – Aperfeiçoar a lei humana

8.12.1 - É preciso modificar as leis humanas à medida que se

compreende melhor a justiça.(795)

8.12.2 - Ninguém deve morrer de fome numa sociedade organizada segundo a lei de Cristo.(930)

8.13 – Conhecer a si mesmo

8.13.1 - Pelo estudo das tendências pode-se julgar o que fomos.(393)

8.13.2 - Devemos refletir sobre nossas ações, perguntando-nos o que fizemos de bem ou de mal, procurando melhorarnos sempre.(919)

8.13.4 - O meio prático e mais eficaz para melhorar nesta vida é o conhecimento de si mesmo.(919)

8.13.5 - O conhecimento de si mesmo é a chave do progresso individual.(919)

8.13.6 - Em caso de dúvidas sobre o valor das ações, perguntai-vos como a qualificaríeis se ela fosse feita por outra pessoa.(919)

8.13.7 - Dê atenção à opinião de seus inimigos, pois eles não têm interesse em dissimular a verdade.(919)

8.13.8 – O sábio jamais olha para os que têm mais posses materiais e se sente infeliz por isto Quando olha para cima é para elevar sua alma ao infinito.(923)

8.14 - Sofismas

8.14.1 - O mal é sempre o mal e todos os sofismas do homem não conseguirão que uma ação má se torne boa.(830)

Reencarnação

9.1 - Reeducação e reajuste

9.1.1 - As coisas que não foram possíveis de se fazer hoje podem ser feitas em outras oportunidades. Há sempre remédio para o mal. (503)

9.1.2 - É preciso gerações para apagar completamente os traços de velhos hábitos.(800)

9.1.3 - É preciso que o espírito adquira experiência, daí a necessidade da reencarnação.(634)

9.1.4 - A riqueza, o poder, ou a miséria são provas para o espírito.(814)

9.2 - Justiça da reencarnação

9.2.1 - Os homens de bem que sucumbem nestes flagelos juntos com os perversos, adquirem um novo ensinamento e encontrarão noutra existência uma larga compensação aos seus sofrimentos, se eles sabem suportá-los sem murmurar.(738)

9.2.2 - O verdadeiro culpado pela guerra precisará de muitas existências para expiar todos os homicídios dos quais foi causa.(745)

9.2.3 - O homicídio é um crime, porque corta uma vida de expiação, provas ou missão.(746)

Aqueles que abusam de sua superioridade social para oprimir o fraco, renascerão numa existência em que sofrerão tudo que fizeram sofrer.(806)

9.2.4 - Todas as penas e as tribulações da vida são expiações de faltas de uma outra existência, quando não são conseqüências das faltas da vida atual.(983)

Mediunidade

10.1 – Legitimidade da comunicação espiritual

10.1.1 - Não é profanação a comunicação com espíritos desencarnados exceto quando se faz com leviandade.(935)

10.2 – Influência dos espíritos

2.1.1- Devemos recorrer ao auxílio de Deus e do amigo espiritual para nos esclarecer em nossas reflexões sobre nossas ações.(919)

2.1.2- As advertências dos espíritos protetores tem o objetivo de tornar nossa vida a melhor possível. Geralmente somos infelizes porque não ouvimos estas advertências.(524)

2.1.3 - A sintonia com os anjos guardiães nos ajudam nos momentos de crise. Devemos estabelecer com eles a ternura íntima com entre melhores amigos e devemos seguir suas orientações.(495)

2.1.4 - O primeiro movimento é sempre bom naquele que atende as boas inspirações.(463)

2.1.5 - A dor incessante e irracional pela morte de pessoas amadas afeta penosamente os espíritos que partiram.(936)

10.3 – Técnicas para sintonia espiritual

Individual

3.1.1 - Com fim de neutralizar a influência dos maus espíritos deve-se:

a) fazer o bem;

b) confiar em Deus;

c) não dar ouvidos a maus pensamentos sugeridos como a discórdia e excitação as más paixões;

d) desconfiar dos espíritos que exaltam seu orgulho e destruir a causa em si mesmo, que os atrai;

e) não ser fraco, negligente ou orgulhoso.(469, 478, 479 e 498)

3.1.2 - Onde reina a justiça, a influência dos maus espíritos é combatida.(521)

3.1.3 - O silêncio é útil, porque facilita as comunicações com os espíritos.(772)

3.1.4 - Através da oração e restituindo o bem em troca do mal pode-se por um fim na influência de espíritos malévolos.(531)

3.1.5 - A iniciativa de buscar ajuda e assistência dos bons espíritos deve ser nossa.(532)

3.1.6 - A prece feita com fervor e confiança nos torna mais fortes contra as tentações do mal.(660)

3.1.7 - Os bons espíritos assistem aqueles que oram com fervor e confiança.(660)

Em grupo

3.1.8 - A sintonia com os espíritos superiores depende da seriedade e da vontade de se instruir dos integrantes do grupo.(Int-VI-pg21 Parg. 4, Pg. 26 parg.5,)

3.1.9 - Consegue-se melhor adoração numa reunião onde haja comunhão de pensamentos e sentimentos.(656)

Apêndice - Estrutura e Sentido de O LIVRO DOS ESPIRITOS

José Carlos Pereira

CONSIDERAÇÕES

*“Substituir as obras fundamentais por outras, psicografadas ou não, é um inconveniente que se deve evitar. O aprendizado doutrinário requer unidade e seqüência, para que se possa alcançar uma visão global da Doutrina. Precisamos nos convencer desta realidade que nem todos alcançam: Espiritismo é Kardec, porque foi ele o estruturador da Doutrina, permanentemente assistido pelo Espírito da Verdade. Todos os demais livros espíritas, mediúnicos ou não, são subsidiários. Estudar, por exemplo, uma obra de Emmanuel ou André Luiz sem relacioná-las com as obras de Kardec, a pretexto de que esses autores espirituais superaram o Mestre (cujas obras ainda não conhecemos suficientemente) é demonstrar falta de compreensão do sentido e da natureza da Doutrina. Esses e outros autores respeitáveis dão sua contribuição para nossa maior compreensão de Kardec. Não podem substituí-lo. É bom lembrar a regra do **consenso universal**, segundo a qual nenhum espírito ou criatura humana dispõe sozinho, por si mesmo, de recursos e conhecimentos para nos fazerem revelações pessoais. Esse tipo de revelações pertence ao passado, aos tempos anteriores do advento da Doutrina.”*

Essas, as judiciosas considerações do jornalista, filósofo, escritor e professor J.Herculano Pires, um dos mais lúcidos e íntegros defensores da Codificação Kardequiana, contidas na sua obra O ESPIRITO E O TEMPO, cuja inserção no trabalho que apresentamos, revelou-se muito oportuna.

Trata-se de uma compilação – com algumas adaptações – que teve por fonte obras da literatura espírita, realizada para o CEPE - Centro de Pesquisas e Estudos Espíritas - e que foi objetivo de uma homenagem do programa radiofônico “PROJETO FUTURO”, em

18 de abril de 1992, aos 135 anos de O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

Ao realizar este trabalho, moveu-nos não só a assertiva do Prof. Herculano Pires, mas também o propósito de, através de uma apreciação sintética de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, dar uma visão preliminar e predispor psicológica e intelectualmente, aqueles que procuram conhecer a Doutrina Espírita, bem como aqueles que penetram nas suas fileiras sem um conhecimento básico de seus postulados.

Atento ao aspecto didático, além dos destaques dos núcleos centrais do texto que, na sua interação, constitui uma unidade, estamos optando pelo processo de perguntas e respostas.

1 - Visão de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS” no contexto doutrinário

Como é visto O LIVRO DOS ESPÍRITOS no contexto doutrinário do Espiritismo?

O LIVRO DOS ESPÍRITOS não é apenas a pedra fundamental ou marco inicial da Codificação. Além disso, ele é o próprio delineamento, o núcleo central e ao mesmo tempo o arcabouço geral da Doutrina. É o tratado filosófico do Espiritismo.

Examinado O LIVRO DOS ESPÍRITOS, em relação às demais obras de Allan Kardec, que complementam a Codificação, verificamos que todas essas obras partem do seu conteúdo.

2 - Significação do seu aparecimento para o mundo

Qual a significação que se pode atribuir ao aparecimento de O LIVRO DOS ESPÍRITOS no mundo?

A publicação de O LIVRO DOS ESPÍRITOS é um marco importante no desenvolvimento da humanidade. O livro é, ainda, subestimado na cultura atual. Entretanto, desde seu lançamento em 18 de abril de 1857, desencadeou um processo de mutação no pensamento de milhões de pessoas.

3- Escopo doutrinário apresentado

Qual a natureza do corpo doutrinário apresentado em O LIVRO DOS ESPIRITOS?

Com a publicação de O LIVRO DOS ESPIRITOS em Paris, Allan Kardec começava a criar um corpo de doutrina com o nome de Espiritismo. Essa doutrina tem por base uma série de princípios que pertencem ao patrimônio da Humanidade, tais como: experiências, conhecimentos, aspirações e esperanças.

4 - Metodologia utilizada na sua formulação

Qual a metodologia utilizada na apresentação de O LIVRO DOS ESPIRITOS?

O Espiritismo adota o método cultural, ou seja, a análise e a síntese. Vê os fenômenos em si mesmos e no contexto a que pertencem. Daí o seu corpo doutrinário se caracterizar por uma visão global, uma cosmovisão. A Doutrina não exclui nenhuma área do conhecimento. O método cultural adotado pelo Espiritismo não é apenas científico. As ciências materiais são fragmentárias e esmiúçam os fenômenos, às vezes se perdendo nos detalhes. O Espiritismo é global e entrosos os fenômenos em si mesmos e no contexto a que pertencem.

5 - Aspecto inédito da obra

O LIVRO DOS ESPIRITOS apresenta algum aspecto inédito?

O LIVRO DOS ESPIRITOS introduziu no mundo dois aspectos inéditos. O primeiro é que o conteúdo doutrinário, filosófico, foi formulado a partir de ditados de Espíritos, entidades humanas participantes de uma realidade extracorpórea, através de pessoas sensíveis, os médiuns. É pois, uma visão dos problemas do homem e do mundo, enfocada por Inteligências temporariamente desvinculadas dos horizontes corporais, mas, dentro das aspirações humanas. Além disso, essa contribuição não se constitui numa “revelação religiosa”, que “implica em passividade absoluta e é aceita sem verifica-

ção, sem exame, nem discussão”. Antes, a revelação espírita se caracterizava por ser “divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem”.

Essa característica é de importância fundamental, porque o Espiritismo se empenha em provar a inexistência do sobrenatural, mostrando que os fenômenos do Espírito, a origem da vida nada têm que não possa ser explicado pela lei natural.

Um segundo aspecto, contingente ao primeiro, é que a interpretação espírita, destacando-se da generosa gama de concepções espiritualistas, assume posições específicas que, ao mesmo tempo combate o racionalismo materialista e dá consistência aos argumentos espiritualistas.

6 - Ausência do sentido místico no seu conteúdo

Existe alguma conotação mística no conteúdo de O LIVRO DOS ESPÍRITOS?

Allan Kardec, na condução de seu trabalho, procurou retirar do Espiritismo toda a conotação mística, de mera crença. Ele fez uma doutrina equilibradamente racional, que não menosprezasse o esforço intelectual e a busca incessante da verdade, nem desprezasse o aspecto afetivo que preside o comportamento humano. Foi uma estruturação isenta de sectarismo, que encarava tanto o mundo físico quanto o mundo extrafísico, cuja existência constatou-se experimentalmente, como participantes de uma mesma realidade e como tal, não merecem nem o medo, nem a excitação que geralmente caracterizam essa relação ancestral, entre o que se considera “conhecido” e o “desconhecido”.

7 - Seus princípios não são apresentados como algo acabado, definitivo

O LIVRO DOS ESPÍRITOS apresenta seus princípios como algo acabado, definitivo?

O espiritismo é uma proposta equilibrada entre os extremismos místicos e materialistas. Ele os supera dialeticamente, transcendendo-os, buscando a síntese. Como tal, propõe uma visão dinâmica do processo da vida, sem contudo, apresentar um quadro acabado, final. Ao contrário. Coloca como definitivo apenas princípios básicos, permitindo que o pensamento e a pesquisa se ampliem através do tempo, conforme a ciência e o conhecimento cresçam. Isto é, o Espiritismo não se aventura a formular hipóteses desvinculadas das possibilidades do entendimento humano, porque isso só serve para manter o homem ignorante, confuso, exigindo dele uma crença irracional.

As características marcantes de O LIVRO DOS ESPÍRITOS são:

1-rejeitar tanto o dogmatismo religioso quanto o cientificismo e propor uma fusão experimental de idéias e conceitos, que reavaliam o homem e o mundo;

2-expõe, com simplicidade, mas sem a ingenuidade dos livros santos, os pontos essenciais para a criação de uma nova sociedade;

3-estimula a prática da moral evangélica, que adota como norma, expungindo-a, todavia, de seus contornos obscurantistas, moralistas e liberta-a no ritual religioso;

4-restabelece a crença em Deus, sem incorrer no erro de defini-lo, mas provando sua existência pelas leis que regem a vida dos seres e das coisas;

5-descreve a vida do Espírito como uma realidade atemporal, por isso imortal, permanente e explica como esse ser inteligente pode progredir sempre, nascendo e renascendo;

6-mostra que a coletividade terrena pertence a uma humanidade espiritual que habita alternadamente o plano físico a que pelo nascimento e o plano extrafísico em que penetra pela morte, volvendo, depois ao campo físico, no processo reencarnacionista, em espiral evolutiva permanente e que essa humanidade, visível e invisível se entrelaça, interage e se comunica pelas vias mentais, extensiva-

mente, pela mediunidade ostensiva ou não;

7-aponta a Esperança, fundamentada em bases concretas sobre o destino de cada homem e das coletividades, reconhecendo que deverão encontrar, pelo próprio esforço, no tempo e no espaço, o seu próprio caminho, mostrando que somente a moralização é capaz de indicar esse caminho de forma definida.

8 - A missão de Allan Kardec em relação à obra

O título da obra, isto é, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, induz à idéia de que a Doutrina que ele contém é de autoria dos Espíritos. Nesse caso, como interpretar a missão de Allan Kardec?

O que Allan Kardec fez foi reorganizar, reavaliar princípios que têm resistido, mesmo envoltos em nebulosidade e olhados de maneira não raro supersticiosa, às mudanças constantes a que se tem submetido a sociedade. Apoiando-se na copiosa informação de que obteve no plano extrafísico, viu que era tempo de criar uma concepção abrangente sem o emaranhado das hipóteses especulativas, mas com base experimental, lógica, racional, capaz de “enfrentar a razão em qualquer época da humanidade”. Essa concepção tornou-se, justificadamente, uma síntese em que se unem a ciência, a filosofia e a moral. Allan Kardec conseguiu dar um tom de impessoalidade ao seu trabalho que, sendo seu, é desses em que o autor não se projeta além das ideais.

9 - Sua posição na esfera da ciência

Qual o efeito de O LIVRO DOS ESPÍRITOS na esfera da ciência?

A partir do aparecimento de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, os fenômenos espíritas, chamados de paranormais ou parapsicológicos ou outro nome qualquer, passaram ao nível das preocupações da ciência, num momento crucial da humanidade. Á procura de algo além do organismo ou a tentativa de compreender a ação da psique humana, leva invariavelmente à questão fundamental: a existência dos Espíritos.

10 - Sua posição em relação às experiências psíquicas e a área filosófica

LIVRO DOS ESPÍRITOS apresenta um roteiro de experiências psíquicas ou se atém a um embasamento filosófico?

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, como muitos poderiam esperar, não é um manual para experiências psíquicas, o que foi deixado, por Allan Kardec, para O LIVRO DOS MEDIUS, o mais importante e completo tratado sobre fenomenologia mediúmica e anímica. A Doutrina Espírita começou pelo seu aspecto filosófico e moral, caracterizando-se por uma proposta que conduz a uma vivência dinâmica, baseada em fatores imortais e evolucionistas, cuidando não apenas de tentar o equacionamento das causas primárias, mas, também, em fixar-se na análise do aqui e do agora, dentro de um sentido de abrangência realmente objetivo. O Espiritismo é uma filosofia do espírito, que parte da essência espiritual para explicar a existência material.

11 - Como pode ser avaliado face as grandes transformações sociais

Como se pode avaliar O LIVRO DOS ESPÍRITOS face às grandes transformações sociais?

O LIVRO DOS ESPÍRITOS é a base da Doutrina Espírita. Ele é um livro-síntese, vasado em termos tais que, embora lançando num momento muito conturbado da evolução do pensamento humano, pode resistir às profundas modificações do quadro das opções da sociedade. Basta anotar que atravessou, incólume, as mudanças radicais decorrentes de duas grandes guerras mundiais, várias guerras na Europa, a instauração do movimento operário no mundo, a criação do primeiro estado socialista, o avanço sem precedentes da tecnologia e o fracasso das religiões.

12 - Sua integridade diante das mais significativas mudanças sociais

Por que O LIVRO DOS ESPÍRITOS manteve sua integridade diante das mais significativas transformações sociais?

A obra consegue manter-se ilesa, porque quem quer que se debruce a estudar O LIVRO DOS ESPÍRITOS, verificará que suas colocações são atualíssimas e enfocadas sob prismas que, em muitos casos, antecedem de um século a muitas das reivindicações e conquistas da atualidade.

13 - Aspectos mais relevantes na sua análise

Quais os aspectos mais relevantes quando se analisa O LIVRO DOS ESPÍRITOS?

Se analisarmos a estrutura de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, verificaremos de pronto o gênio do Codificador. Se as respostas dadas pelos Espíritos surpreendem pela clareza e, via de regra pela abrangência, destaca-se a sapiência de Allan Kardec como formulador das questões, como organizador das matérias, como comentarista que une, esclarece e torna coerente, o fluxo de informações que flui pela mediunidade. Allan Kardec conseguiu reunir 1.018 questões do livro, os mais relevantes e inquietantes temas que o gênero humano enfrenta. Estão reunidas ali questões primárias, como as que cuidam dos problemas do relacionamento familiar, político, social, psicológico, filosófico e moral do homem. O livro é dividido em 4 partes; 1) Causas primárias; 2) O mundo espírita ou dos espíritos; 3) Leis morais; 4) Esperanças e consolações. Essa divisão didática reflete também um fato interessante. Das 1.018 questões que constituem as 4 partes, sem considerar a Introdução, a Conclusão e os Prolegômenos, há 85 dedicadas a temas transcendentais, cujo equacionamento é, por sua natureza, muito subjetivo, como as Causa Primária, Esperanças e Consolações e 347 tratam de assuntos mais diretamente ligados à realidade, passíveis de serem testados, comprovados e vividos imediatamente, tais como a vida terrena, a morte, a existência do mundo espiritual, a reencarnação, a influên-

cia dos Espíritos sobre os homens, a emancipação da alma e toda as questões de ordem política, econômica e social. Tudo isso mostra que não é um livro alienado. Ao contrario, é um compêndio de moral, elaborado dentro de uma dinâmica capaz de suportar a pressão da inteligência sem concessões, mas também sem estreitar-se na visão unilateral dos assuntos. Como livro-embrião, deveria propor as linhas mestras do pensamento doutrinário.

14 - Técnica usada na sua redação

Como avaliar a técnica usada na redação de O LIVRO DOS ESPÍRITOS?

Allan Kardec pelo processo de perguntas e respostas, muito próximo da dialética socrática, a maiêutica, pois as questões respondidas suscitam outras tantas questões e assim os temas são esclarecidos, ampliados, tornados consistentes. Isso concorreu para a popularidade do Livro, porque colocou o ao alcance de todos, em linguagem acessível e, sem banalizar ou vulgarizar, conseguiu um elevado poder de comunicação. Fosse um texto compacto, uma obra puramente científica ou um compêndio filosófico ortodoxo, seria interdita ao homem comum, ao entendimento do estudioso não afeito à terminologia e às colocações acadêmicas. Essa forma de tratar assuntos tão profundos e sérios revelou-se extremamente prática e didática. a consulta tornou-se fácil e o estudo modular, podendo ser feito dentro de um ritmo adequado, em seqüências diversas. Por fim, a técnica de redação, escorreita, direta, sem figuras, filigranas literárias e fabulações, livra-nos da pregação enfática, própria de reveladores e profetas.

15 - Seu surgimento não foi um ato preconcebido

O LIVRO DOS ESPÍRITOS surgiu preconcebidamente?

O livro dos espíritas não nasceu preconcebidamente. Decorreu da observação. Allan Kardec não elaborou a teoria a priori; ele aplicou método experimental, isto é, observou os fatos, comparou, bus-

cou explicações e, como afirma, não admitindo como válida uma explicação senão quando resolvida todas as dificuldades da questão, o Codificador partiu de uma atitude extremamente realista. Considerou que os espíritos não eram infalíveis e que a opinião deles tinha um valor de opinião pessoal. Cada um desvendava uma face do mundo espiritual. Ele coordenou essas informações de modo a formar um conjunto, colecionando documentos que lhe chegavam de várias partes, através de médiuns diferentes. A parte principal foi comunicada através de médiuns muito jovens, meninas de 13 e 15 anos, as senhoritas coco Baudin e Janet, com quem revisou texto, ponto por ponto.

16 - Sua fundamentação científica

Os princípios básicos de O LIVRO DOS ESPÍRITOS tem fundamentação científica?

Allan Kardec iniciou o Espiritismo dentro do princípio básico da concordância universal, que é um critério científico, destinada a comparar as opiniões obtidas por médiuns diferentes, em lugares distintos, para assegurar o caráter não-particular de cada uma delas. Sua regra básica era observar, comparar e julgar e, com isso, pode colocar-se diante de seus interlocutores espirituais como “houvera feito com os homens”, isto é, “para mim”, dizia ele, “eles foram do menor ao maior, meio de me informar e não reveladores predestinados”.

17 - E sua abertura às pesquisas

O LIVRO DOS ESPÍRITOS oferece a abertura às pesquisas?

Introduzindo uma nova concepção de vida, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, está aberto às pesquisas, à procura de novos horizontes para o Espírito. Muitas questões são colocadas em aberto, evitando o Codificador à forma autoritária, a ordenação inquestionável. Fez obra capaz de enfrentar o tempo, porque estava consciente que lançava os fundamentos de uma nova ordem de idéias. Colocando o Espiritismo como uma espécie de retaguarda das concepções filosóficas e morais, um elemento intermediário, que sem negar a reli-

gião, não se comprometia com ela evitando que a doutrina se transformasse num culto, ou igreja. Esse ponto de equilíbrio não foi ainda suficientemente compreendido.

18 - A diferença entre o Espiritismo e Espiritualismo

O LIVRO DOS ESPÍRITOS colocou, de forma específica, a diferença entre Espiritualismo e Espiritismo?

Coube-lhe a árdua tarefa, tênue como fio de navalha, de separar as nuances entre o Espiritualismo e o Espiritismo. O espiritualismo é uma ampla coxa de retalhos, poliforme e policromática, onde convivem, sob o mesmo princípio comum da crença na existência de “algo” além da matéria, várias correntes de idéias que não se já ajustam entre si.

Como, sem desligar o Espiritismo de suas bases espiritualistas fazê-lo entendido? Como falar do mesmo princípio, mas com sentido próprio específico, determinado? Não podia deixar as novas idéias serem sufocadas por um embanharado de meias-verdades e pelo sentido dúbio de certas palavras.

19 - O porquê da adoção de neologismo na sua contextura

Como explicar a adoção de neologismo em O LIVRO DOS ESPÍRITOS, obra de caráter científico-filosófico-religioso?

*Um tropeço tem sido, sempre, as palavras. Estas, com um tempo, ganham conotação definida, que supera o aspecto semântico, carregando-se de uma carga afetiva específica. Sendo Espiritismo uma revisão de conceitos antigos tem, muitas vezes, de usar palavras que, devido ao significado já consagrado, não atendem, exatamente, ao que se pretende dizer. Kardec inicia O LIVRO DOS ESPÍRITOS, criando as palavras **Espiritismo** e **espírita** porque sentiu que a Doutrina veio dizer, margeia tanto as explicações místicas, quanto científicas e Filosóficas. Daí, a procura de uma linguagem adequa-*

da para exprimir a proposta doutrinária com fidelidade e equilíbrio.

20 - A análise de sua estrutura conceitual na cultura geral

No contexto cultural, como pode ser analisada estrutura conceitual de O LIVRO DOS ESPÍRITOS?

O Espiritismo é uma revolução conceitual, uma revelação diferente, a começar por não ter um revelador. Foi concebido sem tranSES mediúnicos espetaculares, ou sonhos proféticos. Decorreu da relação tranqüila, sob certos aspectos fria, entre homem de cultura universitária, cientificamente embasado, com critérios pessoais de análise bem desenvolvidos, e espíritos, pessoas vivas, mas “mortas”, desencarnadas, pertencentes ao plano extrafísico, utilizando um veículo de comunicação natural, a mediunidade.

Pela primeira vez, a experiência de homens e mulheres que tinham habitado terra, em múltiplas oportunidades, era aproveitada, através do uso científico do fenômeno mediúnico. Enquanto a “dança das mesas” fascinava os salões, entretinha os frívolos, o professor Rivail construiu uma ponte de ligação, abriu um canal de comunicação capaz de trazer uma bagagem conceitual rica e decisiva.

21 - Participação de espíritos de graus diversos na sua formulação

Como é vista e avaliada a participação de espíritos de graus diversos, do diálogo a que foram submetidos por Allan Kardec?

*A importância dessa comparação não pode ser desprezada. Allan Kardec submeteu os espíritos inferiores e superiores, a uma sabatina, a um debate dialético e o fez se deslumbramento. **Pela primeira vez os espíritos foram tratados como pessoas**, como criaturas humanas, falíveis, de experiência e evolução diferentes. Essa fabulosa reserva de experiência, de informações, foi aproveitada pelo professor Rivail de maneira inteligente, ordenada, sistemática. Dessa visão de extremo equilíbrio que surgiu O LIVRO DOS ESPÍRITOS, com suas características marcantes.*

22 - Seu enfoque sobre as leis morais

O LIVRO DOS ESPÍRITOS tem enfoque das leis morais?

Os capítulos que O LIVRO DOS ESPÍRITOS dedica às leis morais são um tratado de Política e Sociologia, analisando, a cada passo, a realidade individual e coletiva acerca de questões como o trabalho e do repouso, o sexo, família e o controle da natalidade. O estudo abrange questões econômicas cruciais num mundo faminto e ao mesmo tempo de desperdícios, analisando o equilíbrio ecológico e psicológico, o necessário supérfluo, com posições que ainda hoje se mostram avançadas.

A violência desde o nível individual até as guerras, a pena de morte, a tortura, a crueldade, são passadas em revista, com enfoques surpreendentes.

A explosiva questão da igualdade é tratada sem precipitação, dentro de uma ótica realista, porém de caráter essencial em que se fundamenta a teoria do Espiritismo, vendo o homem como ser multivivenciado, mas não omitindo ou alienando-se da realidade humana do aqui e do agora.

No que toca à liberdade, o Espiritismo é absolutamente tranqüilo, porque, segundo seus princípios, não existe condição para o real crescimento do indivíduo, sem um exercício de sua liberdade. Basta citar que, quando ainda em muitos países, inclusive, o Brasil, a escravidão era legal, a sua posição contrária é clara.

A cerca da questão da propriedade, do patrimônio, não condena a propriedade, desde que seja legítima, e aceita acumulação de bens desde que seja “em família”, isto é, para fins sociais. Estabelece como “legítima”, a propriedade que tenha sido adquirida sem prejuízo de ninguém. Essa assertiva leva à reflexão sobre o que é “não prejudicar ninguém”, envolvendo salários, distribuição de renda e oportunidades, fortunas, negócios que crescem à custa da fome, do desconforto e da negligência com os legítimos valores humanos, a que não escapam nem mesmo a herança.

23 - Seu principal impacto

Qual a principal impacto de O LIVRO DOS ESPÍRITOS?

O impacto de O LIVRO DOS ESPÍRITOS foi um contra-impacto do mundo espiritual para fazer recuar nos devidos limites a onda materialista. A educação do homem, subitamente ameaçada pela negação dos valores espirituais, pôde então retomar o seu rumo. O Espiritismo preenchia o abismo aberto pelo Materialismo entre os dois hemisférios do conhecimento: a Ciência e a Religião.

A filosofia, transformada pela Idade Média em serva da teologia, esvaziara-se diante das descobertas científicas do século XXVIII. Esse esvaziamento, que se evidenciava no Positivismo, no Pragmatismo e em outras correntes do pensamento prático, atingiria sua maior dimensão e profundidade com o desenvolvimento do Marxismo.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, apresentando uma nova concepção do homem e do mundo, permitia o restabelecimento da unidade cultural. O processo da cultura e retomava assim o fio perdido.

24 - Sua visão na área da educação

Como se pode analisar O LIVRO DOS ESPÍRITOS face à educação?

A primeira característica de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, nem sempre percebida, é a forma didática. Não fosse Allan Kardec um pedagogo, habituado à disciplina Pestalozziana, e os Espíritos do Senhor não teriam conseguido na Terra um tão puro reflexo dos seus pensamentos. Mas a didática de Kardec nessa obra não se limita à técnica de ensinar. É uma didática transcendente, insuflada pelo Espírito. A educação espírita brota desse livro como água da fonte: espontânea e necessária. Logo na introdução temos uma abertura para a compreensão de todo o seu conteúdo e até mesmo da posição de Espiritismo no vasto panorama da cultura terrena, abrangendo as áreas até então conflitiva do Conhecimento e estabelecendo entre

elas ligações indispensáveis, já que o conflito entre as áreas culturais era maior obstáculo a compreensão global do homem.

Em O LIVRO DOS ESPÍRITOS a educação figura como instrumento eficaz de transformação do Mundo, o objetivo essencial do Espiritismo. O mundo em causa não é o planeta em seu aspecto físico, mas o mundo humano, a intrincada rede de relações sócio-culturais em que vivemos em nossas existências terrenas. E é por isso que a educação se apresenta, como já ocorrera em Sócrates e Platão, como fermento ativo de transformação. O Mundo é o reflexo do homem e só a educação pode transformar o homem.

A dinâmica pedagógica de O LIVRO DOS ESPÍRITOS teria impedido desvirtuamento da educação através do pragmatismo educacional, se porventura os pedagogos do século XX o tivessem encarado com isenção e os cientistas, na sua maioria, não se tivessem deixado embriagar pelas teorias materialistas.

25 - Seu conceito pedagógico

É justo admitir que a pedagogia espírita é uma conseqüência natural de O LIVRO DOS ESPÍRITOS?

A natureza de uma pedagogia, determinada pela sua essência, pelos princípios fundamentais que informam, decorre sempre da Filosofia Geral, explícita ou implícita, que a originou. A pedagogia espírita é a conseqüência natural e necessária da filosofia espírita exposta em O LIVRO DOS ESPÍRITOS e portanto explícita em sua formulação doutrinária. Nessa filosofia se encontra a Pedagogia que teremos agora de desenvolver, em função do próprio sistema espírita que já é uma realidade social e cultural concreto.

É preciso entender, nessa fase de transição, de materialismo exacerbado que, em 1857, quando Allan Kardec lançou em Paris O LIVRO DOS ESPÍRITOS como primeiro fruto de suas pesquisas, ele havia descoberto o espírito, determinada sua forma, sua estrutura, as leis naturais (e não sobrenaturais) que regem a suas relações com a matéria. Podia afirmar, baseada em provas, que a natureza do

homem é espiritual e não material, que ele sobrevive a morte, que possui um corpo energético e se submete ao processo de reencarnação para evoluir como Ser, despertando em sucessivas existências suas potencialidades ônticas.

As pesquisas que deram origem ao LIVRO DOS ESPÍRITOS tiveram início quando em 1854 Allan Kardec, até então conhecido como professor Denizard Rivail, começou a investigar os fenômenos que havia, seis anos antes, abalados EUA e repercutido intensamente na Europa.

Discípulo de Pestalozzi, o grande pedagogo da época, interessava-se por todos o fenômenos que pudessem dar-lhe conhecimento mais profundo da natureza humana. Partia do princípio de que o objeto da educação é o homem e que por isso Pedagogo tinha por dever aprofundar o conhecimento deste.

26 - Defecção do movimento espírita francês

Quais os fatores que contribuíram para defecção do movimento espírita francês?

A defecção do movimento espírita francês, que ainda durou até a década dos anos vinte deste século e foi desarticulado durante a segunda guerra mundial, deveu-se, entre outros fatores, à pressão dos espiritualistas que, desde cedo, combateram o trabalho de Kardec, inconformados com a logicidade e simplicidade da proposta Kardecista, apegados, em suas várias correntes, às fórmulas, termos e crença especulativa.

Depois do desencarne de Allan Kardec, o movimento espírita francês entrou em declínio, só se evitando colapso total, em curto prazo, devido ao trabalho de homens como Léon Denis, no campo filosófico e Gabriel Delanne, no campo científico. Muito se deve também, neste período, à família Leymarie, Pierre, Madeleine e Raymond, que, sucessivamente, se incubiram da livraria e da Revista Espírita.

27 - Aspectos do movimento espírita brasileiro

Como avaliar a receptividade de O LIVRO DOS ESPÍRITOS no movimento espírita brasileiro?

O LIVRO DOS ESPÍRITOS foi subestimado por muitos dirigentes, ávidos de revelações do mundo extrafísico e renunciado ao elementar princípio da ciência espírita, que é passar pelo crivo da razão toda e qualquer produção mediúnica. Aos poucos, os escritores, pensadores e pesquisadores encarnados foram relegados e os desencarnados elevados à posição de numes tutelares, encaixados dentro da designação genérica de “espiritualidade”. Com isso, as idiossincrasias de indivíduos e pequenos grupos puderam ter livre curso e fundiram-se ideologicamente, criando núcleos com idéias que margeiam a proposta espírita, sem aceitá-la ou entendê-la integralmente.

Daí a eleição, de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, de livro secundário e complementar, com função específica, em obra principal, não pelo que representa em si mesmo, mas pela oportunidade desenvolver a interpretação dos textos evangélicos, à feição das igrejas reformadas, tão do gosto dos místicos. Com isso, porém, restringiu-se à área de interesse do movimento espírita, abandonando-se seus fundamentos científicos e filosóficos e confundindo-se sua vocação moral, com o moralismo religioso. Por essa porta, aliás, é que penetram as mais elementares deformações dos centros espíritas, transformados em “templos de oração”.

Faz 135 anos que O LIVRO DOS ESPÍRITOS abriu caminho. Sua primeira edição foi depois aumentada, reformulada por Kardec, demonstrando seu desejo de ampliar, cobrir áreas mais diversificadas. Ele, os doze anos em que viveu após a publicação de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, foi incansável escritor, jornalista, orador, missivista, atuante na defesa e aplicação de Espiritismo à vida.

Jesus de Nazaré disse aos seus discípulos: se me amais, amai-vos. Kardec diria, da sua providencial impessoalidade: se amais o Espiritismo, impedi que ele se imobilize.

28 - Referências bibliográficas

1-Régis, Jaci - Uma nova visão do homem e do mundo- edição LICESP- Livraria Cultural Espírita Editoras - Santos-SP

2- Pires, J. Herculano - Introdução ao O LIVRO DOS ESPÍRITOS- edição LAKE- Livraria Allan Kardec Editora SP

3 - Pires, J. Herculano - Educação Espírita- Revista de Educação e Pedagogia - edição Edicel- Editora Cultural Espírita Ltda - São Paulo

4 - Pires, J. Herculano- Parapsicologia hoje e amanhã - edição Edicel- Editora Cultural Espírita Ltda - São Paulo

5- Kardec, Allab - A Gênese , Tradução de Sylvia Mele Pereira Pires e apresentação de J. Herculano Pires edição da Lake Livraria Allan Kardec Editora - São Paulo

6- Jornal Abertura - redação - Santos - SP.